



Universidade da Amazônia

Vesperal

de Coelho Netto

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Vesperal

de Coelho Netto

A Luiz de Rezende

Meu amigo,

Não submeta esta coletânea ainda à lente com que examina gemas, nem ao mordente com que, na cutícula, aquilata o ouro: aceite-a como lembrança de amizade, pequena, mas toda do coração do seu

Coelho Netto

Rio, Natal de 1921

Entre o dia e a noite há um êxtase. O sol detém-se um instante no limiar do ocaso para olhar o mundo pela derradeira vez. Contempla-i e some-se. Acompanham-no, em cortejo melancólico, as mesmas nuvens que, alegremente, o precedem ao romper d'alva. De manhã saem contentes como ovelhas que se precipitam álacres mal o pastor abre o redil; à tarde recolhem-se saudosas, em pena de deixar o céu.

O dia apaga-se. É uma página que se volta para todo o sempre no livro que se não relê.

O que nos fica de cor é a lembrança fixada na saudade.

O sol faz o seu giro e reaparece na manhã seguinte com o mesmo calor e o mesmo brilho; nós acordamos diminuídos, porque deixamos na véspera alguma coisa que nunca mais encontraremos.

Recordar é viver de esmolas, apanhando restos aqui e ali. É o que fazemos, pobres de nós! Batendo humildemente à porta da casa da memória, que é a guardadora das ceifas.

Este livro é feito com apanhaduras respigadas à pressa nos últimos raios do sol da mocidade.

Começa a escurecer. D'ora avante, sem sol, trabalharei à luz da lâmpada.

Vesperal, livro crepuscular, últimas fantasias...

Que saudades da luz e das minhas ilusões!

O sol lá anda pelas antípodas, sinto-lhe ainda o calor, mas sua claridade...

Essa não verei mais, nunca mais!

Julho, 1922

O RISO E A LÁGRIMA

— Eu sou a Lágrima

— Que fazes?

— Carreio as mágoas do coração para o abismo do esquecimento. Sou como um rio a correr para o mar levando folhas mortas. E tu?

— Eu sou o Riso.

— Que fazes?

— Ilumino a Vida.

- És a Morte. A tua lâmpada é a caveira onde ficas perene. Eu sou a Vida.
- Por que?
- Porque, sendo efêmera, brilho e passo. A caveira não chora porque não há dor na morte.
- Sendo assim, o Riso é eterno porque se conserva desabrochado dentro mesmo do túmulo.
- Eterno como a ilusão, jardim que não existe, onde, entretanto, todos vão colher a Esperança.

A FILHA DA VERDADE

Com as asas do pégaso e as do calcâneo ainda fremindo Hermes entrou no Zodíaco, adiantando-se, de rompante, até a presença de Zeus. O seu corpo, airoso e ágil, exalava um aroma agreste de silvedos que despertou nos deuses saudades da terra.

Graves notícias devia levar o alado mensageiro para que tão desabridamente irrompesse na divina assembléia, alvoroçando as pombas meigas de Afrodite e fazendo esvoaçar aos gritos, espavorido, o pavão de Hera venerável.

Ao vê-lo em tamanha arrancada, com a fisionomia descomposta e arquejando, Zeus, sempre sereno e magnífico, contendo a águia, que se arrufara, estalando o bico e batendo as asas em menção hostil, interrogou-o com palavras harmoniosas:

— Por que vens tão d'ímpeto que nem sacudistes a poeira das abarcas? Terão, por acaso, os gigantes tentados de novo a escalada do Olimpo? Terá Poseidon, sublevador das vagas, perdido a domínio dos mares ou os fogos de Hephaistos romperam das profundezas queimando as searas e as vinhas que são a alegria e a fortuna dos homens?

— A tua ironia sorri na sublimidade da tua força, ó Zeus! Nada do que dizes poderia dar-se sem a tua ciência, porque tu é a Ordem e governas serena e inexoravelmente os deuses e os homens. O que aqui me traz, magnânimo, e com urgência que não consente demora, é o perigo em que se acha uma das tuas filhas e das mais amadas de ti.

— E qual ela? Seu nome?

— A Verdade.

— Uma das mais amadas do meu coração, dizes bem, e a preferida do meu espírito. E que perigo a ameaça?

— Fui encontrá-la chorando, à borda de uma cisterna, fugida dos homens, que a apedrejam, ameaçada pelos que freqüentam os paços; pelos que vendem nos mercados; pelos anfictiones que legislam; pelos que oram na ágora; pelos sacerdotes que oficiam nos templos; pelos hierodulos que rondam os oráculos; pelos que exercem as artes; pelos que exercem as artes; pelos que cultivam as ciências; pelas matronas que vivem nos gineceus e pelas mulheres que, à noite, coroadas de rosas, sobem, em bandos, desde o Pireu até o Cerâmico, pela estrada ruidosa de Falero; pelos amorosos, fáceis em juramentos e até pelas crianças. Tanto tem ela sofrido dos que as detestam, que está à morte e, se lhe não mandares socorro imediato, talvez não veja florir a próxima primavera.

— Mas a Verdade é imortal, disse Zeus.

— Só Cronos é imutável, é eterno, Padre. Tu mesmo só viverá no tempo através dos teus filhos, que serão outros deuses, dominando em outras religiões. A

Verdade, porém, desaparecerá sem prole e os homens ficarão privados do esplendor dos seus olhos puros. Só há um meio de conservar a beleza que fenece? É casá-la desde já para transmita a um filho o que a faz admirável e amada dos deuses.

— E não haverá dentre os deuses um que a queira por esposa?

— Os deuses preferem a Ilusão. À beira do Estígio moroso existe um ser que se prestará a desposá-la. Esse, porém, não o fará pela beleza do rosto, nem pela graça do corpo, nem pelo esplendor dos olhos, nem pela suavidade da voz da tua filha, mas pelos cabedais que lhe deres, se forem em ouro bom, em pedras de valor, em púrpuras retintas e em glórias bem apregoadas.

— E esse quem é?

— O Interesse.

— Pois vai e oferece-lhe o dote que te parecer e que se celebre o casamento antes que desabrochem as flores já abotoadas nas árvores.

Lesto, batendo ligeiramente as asas, baixou do Olimpo o divino correio indo logo à Verdade. Tomou-a consigo e desceu à lúgubre estância.

Apesar de combalida, quando a noiva cruzou a portada do inferno, um clarão iluminou-o e os lêmures taciturnos, que erravam à beira da lagoa tristonha, rejubilaram com a sua presença. E celebraram-se as bodas.

Não teve o Interesse olhos para a beleza da noiva suave, porque os não tirava, e acesos em cobiça, dos riquíssimos presentes que, por ela, recebera — sopesando os vasos de ouro, examinando, à luz, as gemas lapidadas e desdobrando as púrpuras atávicas.

E a mísera, abandonada, ficou-se encolhida a um canto e ali jazeu, definhando, só e triste.

Por ela passavam, envesgando olhares de desprezo, a Inveja e todas as damas da corte da Mentira: a Intriga, a Maledicência, a Calúnia.

Um dia sentiu-se mal a desventurada e entrou a gemer, a chorar, retorcendo-se de dores. Acudiu a Inveja aos seus gemidos, não por pena, mas pelo gozo de a ver, de perto, desfigurada pelo sofrimento.

A coitada expirou sem socorro saindo-lhe da morte uma vida, que foi a filha, infanta de alvura de neve e formosura rara.

Foi necessário dar-lhe ama e como as ofertas fossem generosas apresentou-se a Ambição inculcando-se para criá-la no seu regaço, educá-la nos seus princípios e instruí-la com os conselhos da sua longa experiência. E a menina cresceu, desenvolveu-se em beleza e em graça, aperfeiçoando-se nas lições que recebera da ama.

O coração, sem ternura, encheu-se-lhe de desejos e nele entrou a Vaidade com o seu engenho astucioso, inspirando-lhe fingimentos, que eram como máscaras para o rosto e embustes em que envolvia as palavras.

Chegando à idade em que os olhos ardem e o colo anseia em desejos quis sair para o mundo. Hermes, que a vira nascer e a estimava, ainda que lhe conhecesse o fundo do coração, levou-a à presença de Zeus.

Pasmou o olímpico deslumbrado com a beleza da donzela e disse, ameiando-a no rosto:

— É linda! E lembra, nas feições do rosto e no donaire, a mísera que deu a vida por ela. Que nome tem?

— Ainda nenhum, disse Hermes. Lembra a mãe nas feições do rosto e no donaire, a alma, porém, é do pai e ainda aperfeiçoada pela da que lhe deu o leite da vida. O que há nela da Verdade é somente a aparência.

— E que nomes propões, tu que a conheces?

— Eu lembraria o que, a meu ver, mais lhe convém — Hipocrisia

— Pois sejam concordou Zeus, e que viva.

— Há de viver e será eterna, afirmou Hermes.

E foi com tal nome que apareceu e triunfou a filha da Verdade.

PALAVRAS

Entrara um filósofo no Areópago e, ouvindo dizer que ocupava a tribuna um dos mais eloqüentes oradores, perguntou:

— Desde quando?

— Há duas horas que fala e, pelas notas que tem diante de si, creio que ainda falará outras tantas.

— Sendo assim deixo-me ficar onde estou, porque, sempre que posso, evito a podridão.

Como o outro não compreendesse a réplica o filósofo explicou:

— Discursos políticos são sempre terra: ou de vida ou de morte — vão à semente ou correm à carniça.

Com um punhado de terra faz o lavrador um leito de fecundidade para o que planta, mas para esconder uma putrilagem, de modo que não tresande, são necessárias carradas e ainda cal mordente e uma pedra em cima.

Se há vida no que se pleiteia poucas palavras bastam para impor a razão. Discursos de horas com alegados e textos, exemplos, símiles e comparações, muito acarreto e tropos são demais para as sementes vivas.

Se vires um homem aforçurando-se em cobrir com muita terra e pedras alguma coisa, evita-o com desconfiança, porque se não for criminoso será louco, salvo se for coveiro de ofício, porque então estará a fazer o que deve.

A ÁRVORE DOS POBRES

Quando a mulher voltou a si, entre os pescadores que a retiraram do lago, um deles, justamente o que a agarrara pelos cabelos e a içara ao barco, disse reconhecendo-a:

— É a mendiga de Gerasa. Com esta é a segunda vez que se deita a afogar.

Como a infeliz estava quase nua via-se-lhe no peito, tanado e ossudo, uma larga e funda ferida que, em fúria de morte, ela abrira e esborcinara.

Jesus, que se achava entre os discípulos, chegou-se à mísera, compôs-lhe a nudez macilenta e, sentando-se na mesma pedra em que a haviam encostado, tomou-lhe a mão gélida e engelhada e, docemente, interrogou-a:

— Por que buscas a morte? Retraiu-se a coitada e, comovida com o som daquela voz, que lhe chegava ao coração, respondeu humildemente, do fundo do seu vexame:

— E de que me serve a mim a vida? A morte é sono e é bom dormir. O sol abre-me a chaga da angústia. Ai! De mim... As aves e os bichos moles, que rastreiam visco, fartam-se nas vinhas e nas searas maduras; só eu não acho migalha e, se entro em campo restolhado, saem-me em cima os donos e açulam cães contra mim. De que me serve a vida? A minha casa é um sepulcro e a terra, em volta, é tão seca que nela nem o cardo vinga: lisa, reluz ao sol e, as chuvas escorrem por ela como as torrentes nas pedras, de que me serve a vida? Deixai-me acabar que não faço falta a ninguém. Será uma sombra de menos na terra.

Então Jesus, que a ouvira compadecido, falou misericordioso:

— Se não trouxesses os olhos sempre de rastros, como as aves feridas, verias o que há no céu. O olhar que se eleva contempla; o olhar que se abaixa não vê mais que túmulos. Se levantasses a vista andarias na vida como o que corre nos mares guiando-se pelas estrelas. O olhar é um vôo. O infinito tem horizontes: a noite é um, a morte é outro. O além da noite é o dia; o além da morte, é a vida. Só a eternidade é ampla. O que não busca na vida o alívio do sonho define e sucumbe envenenado pela melancolia. Leva esta semente, planta-a e verás nascer uma árvore de consolação.

Disse e despediu-se da mulher, que o ouvira extasiada.

Foi-se a infeliz por veredas escabrosas deixando nos caminhos áridos um rastro de umidade e, chegando à terra do seu assento, que era como um lajeado ao sol, fez uma cova e plantou a semente.

Entre pedras eriçadas d'urze uma cigarra abriu o canto e na terra abrolhou a semente, estirou haste, desenrolou folíolos, cresceu aos ímpetos, desenvolvendo o tronco, lançando ramos e, quando a cigarra cessou de chiar, árvore frondosa alargava a copa viridente alegrando o ermo funerário.

A gerasena exultou e sorria andando em volta da árvore, mirando-a, apalpando-a, sentindo-lhe o cheiro seivoso e, como o calor estuava. acolheu-se à ramagem, mas o sol passava por ela como através de um crivo. Tanta, porém, era a ventura da mulher que não sentia o calor, ainda que intenso como de um fogo.

À tarde juntaram-se cigarras nos ramos e, toda a noite, entre as folhas, cantou um rouxinol.

Nublou-se o outono e começaram a amarelecer e a cair as folhas, menos as da árvore da consolação, que reverdeciam ainda mais. E a gerasena exultava:

“No inverno terei lenha que farte!...” E veio o inverno geoso.. E a árvore sempre verde.

A mulher reuniu um feixe de ramos, chegou-lhes lume. Debalde! As acendalhas rechinavam retorcendo-se, silvando, amojadas de seiva; e não houve inflamá-las. A gerasena tiritava e sorria contemplando a árvore sempre viçosa, à neve.

“É pena que não dê flores. É pena que não dê frutos. É pena que não dê sombra. É pena que não dê lume. Tão verde! Tão linda! Talvez por ser nova é que assim seja; envelhecendo será como as outras”. E fiada na árvore não descorçoava.

Madrugava nas granjas: sorria se lhe davam esmolas e não desesperava quando a repeliam. E nunca mais pensou na morte.

Viveu assim longos anos até que, um dia, velhinha, sentindo grande fraqueza e frio, arrastou-se do sepulcro para junto da árvore, ao sol. A morte a esperava e assaltou-a.

Na agonia ainda tentou abraçar-se com o tronco, mas cruzando os braços, sentiu apenas o peito. E árvore era como um raio de luz, que se vê, mas que se não prende.

E a velhinha morreu com saudade da vida.

E a árvore lá ficou criando sementes que o vento espalha. E não há quintalejo de pobre onde não medre, como medrou na terra da gerasena, formosa, prometedora, mas sempre estéril: sem dar flor, sem dar fruto, sombra ou lume.

Essa é a Esperança, árvore de ilusões, que é a única alegria na terra triste do pobre.

A SOMBRA

Quando o homem saiu a viajar na vida apareceu-lhe em caminho uma companheira misteriosa que, de manhã, o precedia como a guiá-lo e, à tarde, talvez por fatigada, deixava-se ficar atrás, sem, todavia, abandoná-lo, nunca! Não fora tão solícita em vigiá-lo sua própria mãe que, muita vez, o deixara adormecido no berço, afastando-se de manso, para colher o fruto, mungir a ovelha ou encher a bilha no manancial.

No começo a estrada era macia alfombra, por entre árvores floridas, soando gorgeios de passarinhos. O sol, que a alumiava, era brando e, por milagre, assim que apertava a fome ao caminheiro, logo se lhe apareciam alimentos; se sentia sede, fontes denunciavam-se na espessura com o fresco murmúrio d'água; se esfriava, mantos envolviam-no; se aquecia, fechavam-se sobre ele sombras de verdes ramos e uma voz meiga seguia-o cantando, e era a voz de sua mãe.

Caminhando, e com ele a Sombra, chegou ao primeiro diversório, onde o esperavam as Ilusões.

Lindas e alegres moças! E como o acolheram festivamente! Falaram-lhe da vida, qual com mais entusiasmo, descrevendo-lhe os caminhos fáceis, todos em rumo à ventura. Lindas e acolhedoras moças!

Quando as deixou sentiu-se o caminheiro roubado no melhor dos seus sonhos. Ladras!

Pôs-se a caminho e, com o sol a pino, achando-se num campo árido, onde havia dunas, descobriu uma árvore viçosa carregada de frutos.

Correu para a sua sombra e achou-a mais cálida que a luz do sol. Tomou-lhe um dos frutos, levou-o à boca e, trincando-o com avidez, nada sentiu: nem polpa, nem sumo, nem sabor. Examinando-o, então, viu que era um floco de espuma, que se dissolvia. E soube que a árvore chamava-se Esperança.

Continuou a jornada e a Sombra sempre com ele.

Chegou a um castelo e, vendo à janela gótica um rosto de beleza estranha que lhe sorria, parou extasiado. E a Sombra parou com ele. E tanto lhe foram os olhos para a ogiva que, pelo raio do seu olhar desceu rendido o coração da castelã.

Que alegria! Tomou-o e, abrindo o peito, guardou-o junto ao seu. E contente de tal fortuna, pôs-se a cantar, feliz:

“Tenho dois corações comigo: o meu e o da minha amada”.

Ao cair da noite sentiu-lhe doer o peito e, apalpando-o, achou tão combalido o coração que, para o aliviar, teve de fundir em lágrimas uma parte dele. E fora o coração perjuro da castelã que o maltratara, desprezando-o, depois, com uma ferida aberta e sem cura.

E o caminheiro prosseguiu, seguido da Sombra e, andando, avistou, reduzindo ao sol, uma árvore de folhagem de ouro, que era a Glória. Quem lhe arrancasse um galho e com ele entretencesse uma coroa seria o maior ente os homens.

Encaminhou-se para a árvore, a dois passos, com a mão estendida para os galhos de ouro. E veio a tarde, e ele caminhando. Pôs-se a correr, e árvore no mesmo sítio. E veio a noite e árvore resplandeceu. E ele corria.

Cantaram as aves da madrugada, surgiu o sol, empalideceu de novo, e ele a correr e a árvore sempre perto, a ponto de ele pisar-lhe a sombra sem que, entretanto, conseguisse chegar-lhe com as mãos aos ramos.

Desesperado de alcançar o que ali tinha tanto a si e tão difícil de atingir, como as estrelas do céu, prosseguiu e, com ele, a Sombra.

Caminhando de olhos baixos viu a reluzir na área uma moeda de ouro. Era a Fortuna. Apanhou-a;

Tinha fome e pediu pão. Não havia trigo. Tinha sede e pediu água. Não havia fonte. Tinha frio e pediu fogo. Não havia lume. Então revoltou-se. De que lhe servia o ouro? O ouro só compra o que existe, e é por isto que não realiza a felicidade. Lançou fora a moeda inútil e foi-se.

Por fim, já velhinho, com a Sombra a segui-lo, lenta e curvada, chegou ao sopé de um monte e, levantando o olhar, avistou no cimo escaldado uma capelinha branca. “Ali está Deus!” suspirou. E pôs-se a subir.

Quando chegou cansadamente ao alto, foi direto à capela.

A porta estava aberta. Entrou.

Um vulto de monge jazia no meio a nave ajoelhado, a orar. O caminheiro ajoelhou-se-lhe ao lado e, com ele, a Sombra inseparável.

Vendo que o monge não se movia tocou-lhe, de leve, no braço e o vulto aluiu na lájea e da poeira em que se desfez o burel rolaram ossadas. Era quanto restava do que fora um santo.

Sentindo-se só o caminheiro olhou em volta, espavorido, e, para fugir àquela desolação e último desengano, saiu para o adro e, ao sol da tarde, deu pela Sombra, que o não deixava, e exclamou:

— Todos abandonaram-me, só tu me acompanhas fiel, sem trair-me. Quem és?

E a Sombra adiantou-se, como atraída por ele, e penetrou-o. E ele sentiu-a no sangue, sentiu-a no cérebro, sentiu-a nos olhos, sentiu-a no coração, e ouviu-a falar.

— Eu sou a Morte, que te acompanhei na vida.

E tais foram as últimas palavras que ouviu o caminheiro, as últimas e as únicas verdadeiras.

O MEU COFRE

Oh! Se me lembro! Era um lindo cofre de cristal com fecho de ouro, cheio de esperanças! O meu prazer era expô-lo ao sol para o ver brilhar.

— Não andes com esse cofre por toda a parte, diziam-me. Podem roubar-t'o e se te cair das mãos, frágil como ele é... Eu ria de tais conselhos.

— Como é lindo! Exclamavam todos e eu, contente e orgulhoso, abria-o para mostrar o meu tesouro. Um dia pediram-m'o para vê-lo. Tolo que eu era! Dei-o.

Tanto a pessoa o virou nas mãos, tanto o abriu e fechou que, por descuido ou maldade, o deixou cair nas pedras.

O que eu chorei! Pus-me a apanhar os cacos: um aqui, outro ali. Vendo-me alguém em tal trabalho interrogou-me:

— Que andas a procurar entre as pedras do caminho?

— Os pedacinhos do cofre das minhas esperanças. Quebraram-m'o. Quero ver se o conserto.

— Consertá-lo...! Cofres desses, uma vez quebrados, não há consertá-los mais. Por mais que busques sempre faltará um nadinha e pelo orifício que dele ficar ir-se-á tudo que no cofre houver.

Palavras verdadeiras!

Tanto catei entre as pedras os mínimos fragmentos que, pacientemente, consegui recompor todo o cofre. O que lhe ficou faltando era tão pouco que só eu o percebia. Esse pouco, entretanto, era tudo porque por ali escoaram-se todas as minhas esperanças.

Vazio, fiz com ele o que se faz com os vasos delicados que exigem peso para firmar-se onde ficam: enchi-o de saudades, área do fundo do coração, sobre a qual rolam os dias, que são as ondas do Tempo, depositando no fundo tudo que neles cai.

Cofre da minha felicidade...! Até hoje procuro o escassilho que lhe falta, tão pequenino, mas que abriu uma fenda quase imperceptível por onde se foram todas as minhas esperanças e entram as desilusões. Bem me disseram:

— Cofres desses uma vez quebrados não há consertá-los mais...!

BOI DE PIRANHAS

Com a orvalhada noturna todo o almargem úmido luciluzia cintilantemente em brilhos diamantinos. Rolos de névoas evoluíam em lânguidas meadas que se desenrolavam frouxas diluindo-se vaporosamente no ar.

Nuvens esfúmeas, diáfanas, elevavam-se da terra chã, pairavam oscilantemente em preguiçosa arfagem e, em alor mole, defluíam lentas, como saudosas das ervas odorantes nas quais haviam passado a noite fria.

Os cimos empoeiravam-se de lúcida polilha de ouro; aguçais arundíneos refulgiam espelhantes e o azul descobrindo-se, aparecia, às nescas, luminoso e fino, sob a fuga tênue do nevoeiro flácido.

O rio largo, entre areais alvadios, deslizava barrento, moroso, capumejando em flocos, aqui, ali, sobre cabeços de rochas anegradas.

E pela água, no liso da corrente, desciam em bubuia, ramos, ervagens, por vezes camalotes com flores vivas e aves.

Os vaqueiros campeavam aos brados, reunindo a boiada prófuga.

Era uma estrupeada tumultuosa: touros possantes, d'olhos esbraseados, vacas chocalhando cincerros, badalhocando as tetas em badanas, com os bezerros à cola; novilhos sarapantados, alguns corcoveando às upas, escoiceando às cornadas.

Um barbatão, de toutiço em carúncula, estacou, atrevido, escavando a terra furiosamente. E o aboio dos vaqueiros atroava na barafunda do ajuntamento.

E, enquanto eles atropelavam bandos ou reconduziam garranos tresmalhados, o vaqueano, caboclo rijo, de olhos duros, pele tanata e toda em estrias como rachada ao sol, ia e vinha a cavalo pela barranca, olhando atentamente o rio marulhoso, onde, às vezes, um peixe saltava d'espada chapejando n'água que se abria em círculos ondulantes.

Súbito, em um ponto mais escuro do rio, a água lurida frisou-se fêrvida, em borbulhas. O vaqueano estribando-se, de pernas tesas, empinou-se no lombilho, bradando logo aos vaqueiros:

— Lá estão elas!...

Foi um instantâneo reboiço ente o gado, todo o armento agitou-se com a investida inopinada dos vaqueiros, que metiam os cavalos, como aríetes, rompendo a mole viva. Deram em cima de um velho boi espácio, carreiro como assinalava a argola que lhe tinha na ponta de um dos chifres largos.

Perseguido, arrancou do bando; dois ferrões, a um tempo, picaram-lhe as ilhargas e animal, varando por entre os companheiros, partiu desabrido, correndo direto à barranca.

O vaqueano mostrou de novo o ponto efervescente:

— É ali!

E o velho boi, espicaçado a aguilhadas, atordoado com a grita dos vaqueiros, precipitou-se ribanceira abaixo, resvaladamente, entrou no ervaçal, onde se deteve um instante a olhar espavorido, como se adivinhasse o destino que o esperava.

Com a arpoada mais rija o sangue aflorou-lhe à anca entresilhada. O mísero estrebuchou mugindo doloridamente e, com resignação de mártir, atolando-se na lama, entrou n'água e foi-se lentamente nadando, de cabeça alta, através da correnteza barrenta.

E o vaqueano, voltando-se para os vaqueiros que olhavam atentos, prontos à primeira ordem, atirou o braço em gesto decisivo.

— Toca! Justamente o velho boi dianteiro chegava ao ponto fêrvido do rio.

Um estremeção sacudiu-o. Rápido, deu volta como para tornar à margem. Os olhos, imensamente abertos, refletiam o pavor que o desvairava, sacudia aflitadamente a cabeça, com a boca arreganhada, a língua flácida pendente, batendo com a cauda em flagelo, logo entesando-a a prumo ou rebolcando-a em coleios serpentinos, a mugir cavo, engrolando a voz angustiada e rouca nos golfões d'água que lhe entravam pela boca.

E pôs-se a voltear rodando em torvelinho, sumiu-se em mergulho, reapareceu adiante, ainda mugiu debatendo-se, com um olhar de profunda tristeza alongado saudosamente para a terra.

A boiada descia aos magotes e um dos vaqueiros, prático naquelas cenas de braveza, disse contente:

— As piranhas pegaram...

— Depressa! Aproveita gente! Odenou açodado o vaqueano

Dois guieiros avançaram e toda a boiada despejou-se atropeladamente e, com atroada de berros e entre choques de chifres, lançou-se de timbuia n'água, atravessando o rio em bolo como uma balsa enorme.

Os que primeiro chegaram à margem oposta, desanexando-se do lameiro e das ervagens floridas, foram logo mordendo as canaranas, outros galgavam as ribas forradas de verdura terra e todo o gado, em pouco, espalhado na campina, assenhoreou-se do pasto.

E rio abaixo, lá ia o fervedouro sanguinolento denunciando o martírio do animal, lançado, como tributo da boiada, aos cardumes vorazes das piranhas.

Os vaqueiros olhavam as águas trágicas onde os peixes burburinhavam e um tangerino moço, condoído do velho boi, suspirou:

— Coitado!

O vaqueano, que se sentara em uma pedra, picando fumo na palma da mão, voltou-se e, encarado no mancebo, disse com sorriso estranho:

— Pena, hein?

— Então?

O vaqueano pôs-se a apolegar o fumo. Por fim, levantando a cabeça, falou ao jovem:

— E você pensa que isto é só aqui com o boi? Pois sim!.. Bem se vê que você é novo no mundo. Na vida, rapaz, é preciso que um sofra e morra para abrir caminho aos outros. A vida é como esse rio que você está vendo, cheio de piranhas. Aqui quem paga é o boi... A gente escolhe um, atira n'água e, enquanto os peixes dão cabo dele, a boiada vai passando, e passa. Isso é que se chama lambugem, sabe? É da vida. Aqui é um boi, porque são os bois que têm de passar... E quando são homens?!... A gente tem pena, mas que se há de fazer? É assim. E concluiu: Nosso Senhor não morreu por nós?

— É assim mesmo, confirmou um velho vaqueiro que desencilhava o cavalo.

E a boiada solta, em liberdade na campina verde, pastava alegremente ao sol.

O MAIS POBRE

A estrada ardia. Nos matos estalavam crepitações como de lenha verde ao fogo. O ziar dos insetos fazia vibrar o silêncio e a respiração da terra cálida cheirava adustamente a rescaldo.

Cabecinha nua, como uma brasa ao sol, porque fizera do chapéu corbelha para as amoras que apanhara na sebe, lá ia o pequenino.

Caminhava contente, pensando na alegria que ia dar à mãe com aqueles frutos que levava, quando o chamaram da sombra dumas árvores.

Voltou-se em sobressalto e viu um velho e o filho do senhor das minas de ouro.

Com medo que descobrissem o furto que levava, retraiu-se quase chorando. Mas o velho chamou-o:

— Anda cá. Não tenhas medo.

Adiantando-se encolhidamente viu dois cavalos ajaezados a primor, que dormitavam à sombra. E o menino acolheu-se com bondade.

— De onde vens por este sol?

— Do colégio.

— Que levas aí no chapéu?

— Amoras.

— Amoras!... Que é isso?

— Frutos do mato.

— Deixa-me ver. Provou uma, duas, três, muitas! espantado que nunca lhe houvessem servido à mesa frutos tão saborosos.

— Isto é só para os pobres e para os passarinhos, disse o pequenino. São as esmolas de Nosso Senhor.

Rindo-se, já amigos, foram-se em direção ao córrego e o velho deitou-se na relva, adormecendo à sombra de uma mangueira.

Sentados na mesma pedra, à beira d'água, disse o menino ao pequenino.

— Que lindos cabelos tens! Parecem de ouro.

— Se meus cabelos fossem de ouro minha mãe, que é tão boa, não trabalharia tanto.

— Tens mãe! Exclamou o menino maravilhado. O pequenino corou com a afronta.

— Se tenho mãe!... Como não?! Ela é que me penteia os cabelos; ela é que me conta histórias; ela é que me cura, quando adoço; ela é que me conserta a roupa e me adormece ao colo, cantando, quando, nas noites escuras, tremo de medo ouvindo piar a coruja. Tenho mãe, como não: também não sou tão pobre assim.

— Pois eu não tenho! Suspirou o menino. Minha mãe morreu quando eu nasci. Estas terras, com tudo que nelas há, são de meu pai, que só me tem a mim. No palácio em que moro já se hospedou um príncipe com toda a sua corte. O salão em que durmo é todo forrado de seda, com lustres de ouro e tapetes onde os pés se afogam. São tantos os meus criados que, a muitos, tenho por estranhos, e pasmo quando me pedem ordens.

— E quem lhe conta histórias?

— Histórias? Leio-as nos livros.

— Quem o veste e penteia?

— A velha aia.

— Quem o acalenta, à noite, quando a coruja chirria e o vento geme nas árvores?

— Rezo à Nossa Senhora.

- Quando adoece quem o cura?
- Os médicos.
- E quando a tristeza entra sem eu coração, quem o consola?
- Choro.

Levantou-se, então, o pequenino e, tomando nas suas as mãos do menino milionário, encarou-o compadecido, com os lindos olhos arrasados d'água.

- Por que choras? Que tens? Perguntou o menino comovido.
- Choro de pena, porque nunca pensei que houvesse no mundo outro mais pobre do que eu.

CASTALIA

— Por que hei de ser o único que regresse do monte tão rude como a ele subiu. Vim com o desejo de traduzir em cantos os mistérios da vida e bebi, sôfrego, desta água. Sou, entretanto, o mesmo que era dantes. Quando aqui cheguei abriam-se as flores na primavera. O estio dourou as árvores, o outono carregou-a de frutos, o inverno despiu-as das folhas, outra primavera refloriu-as; e aqui estou como vim. Outros subiram nas minhas pegadas e, só com um gole d'água, que beberam, desatou-se-lhes a voz em líricas e desceram cantando. Eu entristeço, calado, à beira da fonte sonora. E por que, sacerdote?

O hierofante respondeu ao peregrino melancólico:

— Tens ali um rochedo que o orvalho molha e as chuvas lavam; em torno tudo é viço, ele é esterilidade eterna; vige alguma o enfeitada, porque é pedra. Põe-lhe em um das fendas um pouco de terra e que a umedeça um lentejo de rocío e logo rebentará o novédio.

A água na rocha lisa passa sem deixar benefício, como o conselho do sábio pelos ouvidos do indiferente. Ama, e a água fará o milagre. Por uma urna sem fundo pode escoar-se todo um rio, perdendo-se desaproveitado, e duas mãos em concha sob um lacrimal bastam para recolher o que sacie a sede mais ávida. Ama e cantarás.

- Então é necessário que procure o amor?
- Que o procures, não. O amor é um destino, como a morte: não se procura, espera-se.

A CAIXA DE PANDORA

.....

- Se o tempo é a flor da Eternidade como quereis que matem as Horas, que são as pétalas de tal flor? Perguntaram a Zeus, Phebo e Artemis, os dois irmãos, condutores da Luz.
- Fazei como vos ordeno, disse o olímpico, que assim se há de cumprir.
- E como havemos de matar as Horas?

— Nesta caixa, que foi de Pandora, há dois arcos com as suas flechas; um de ouro, que será teu, Phebo, condutor do sol; outro de prata, que te destino, Artemis, pastora da lua. Por sessenta feridas, quantas haveis de fazer em cada Hora, estilarão os minutos, em cada um dos quais haverá tanta vida latente como há oceano em toda a gota marinha. Com os arcos apostos ponta a ponta formareis um círculo com que cingireis a Vida e dentro dele a Alma ansiosa do Homem fará esforços para libertar-se, como leão prisioneiro girovaga na fossa quando fareja no ar o aroma das silvas ou o cheiro morno dos areais.

— E as horas mortas?

— Ressuscitarão como as sementes que explodem na terra e viçam a flux, verdejando. A árvore despe-se das folhas secas e solta de si os frutos murchos e, folhas e frutos, caindo-lhe nas raízes, tornam por elas em seiva ressurgindo nos ramos. Assim o Tempo deve substituir as Horas, trocando-as por outras idênticas, mas não iguais, para que nelas haja sempre mistério: cuidados na maior ventura e na maior miséria e agonia e brilho da esperança. que é como o verde das folhas novas.

E enquanto o sol realizar o seu curso iterativo do nascente ao ocaso e as flechas fizerem o seu ofício de morte, haverá dia e haverá noite.

E a Vida prosseguirá no ritmo invariável que regula o passo do Tempo no infinito, monótono como o bater da vaga no rochedo ou como o pulsar do coração no peito.

— Mas, exclamou o filósofo, que ouvia o poeta, à sombra de um muro em ruínas, coberto de ervas floridas, o que me descreveis, como o faria um rapsodo dos dias de ouro, outra coisa não é senão o relógio.

— Ou, com melhor e mais próprio nome: a caixa de Pandora, com os dois arcos apostos fechando o círculo do Tempo, com as duas flechas mortais ferindo as Horas.

— E espalhando ventura e desventura, mas conservando no fundo, oculta como a máquina do relógio, a propulsora perene da Vida: a Esperança.

— A Esperança, dizeis tudo, o amanhã, o todo sempre, a eternidade, a ilusão.

NA MONTANHA DE NEVE

O talismã que vedes, disse o bufarinheiro árabe, — e tenha apenas quatro, tantas quantas aqui sois — pode servir a dois fins, visto possuir duas virtudes: uma que lhe deram os gênios; outra que lhe deram as peris. Usado ao pescoço ou no punho, como colar ou pulseira dará, a quem o possuir, saúde inalterável, todos os bens da fortuna e inteligência clara...

— E a outra virtude? Perguntou uma das mulheres.

— Ah! A outra virtude, suspirou o bufarinheiro, brincando com o talismã entre os dedos; a outra virtude é a mocidade, com a sua flor: a beleza. Mas, para que se realize o prodígio, exigem as peris sacrifício tamanho que, até hoje, não houve quem o tentasse.

— E qual é ele? Perguntou ansiosamente, a um tempo, as quatro mulheres.

— É o de passar sete dias e sete noites ajoelhada na montanha de neve, com o talismã nas mãos, como em uma concha, oferecendo-o aos espíritos da natureza que erram invisíveis no ar. Aquela que resistisse a tão dura prova desceria da

montanha com a beleza das peris e, ainda que vivesse mil anos, seria sempre moça e bela, como são eternas e luminosas as estrelas do céu.

As mulheres sorriram e lamina, tirando da bolsa um punhado de moedas de ouro, disse estendendo a mão ao árabe:

— Dá-me um talismã. O mesmo fizeram as outras três mulheres. E o árabe, sorrindo maliciosamente dentro de barba densa e negra, profetizou:

— Não serão mais robustos do que vós os cavaleiros do lêmén, tereis mais ouro do que todos os califas e os cantos que improvisardes serão mais belos do que os dos poetas que se reúnem no vale de Okadd, onde ainda ressoam os hinos do profeta.

Disse e, reunindo a caravana, foi-se.

Dias depois, um caçador de antílopes que atravessara a gélida montanha, contou que encontrara quatro mulheres ajoelhadas sobre a neve e cobertas de neves, mortas, com as mãos levantadas para o céu, em ofertório, hirtas como estátuas, lívidas, d'olhos muito abertos e maravilhados e um sorriso que parecia se lhes haver gelado no rosto.

O SAPATO DO NATAL

— Tão tarde! O pequeno sem aparecer... A mãe, receosa que lhe houvesse acontecido alguma coisa, não se arredava da rótula, olhando fundamente a rua deserta e molhada, onde as luzes refletiam-se, alastrando-a como de palmas de ouro.

Raro em raro, um transeunte, encolhido sob o guarda-chuva, passava apressado. Que teria acontecido?

Mas um vulto de criança surgiu na esquina, atravessou, a correr, um raio de luz e ela, mais com o coração do que com os olhos, reconheceu nele o filho.

Ainda ele vinha longe, e já a porta se lhe abria.

Entrou esbaforido e, antes de qualquer explicação, disse arquejante:

— Olha o que eu achei na praia. Que havia de ser? Nem mais nem menos que um frangalho de sapato sem sola, com um resto de salto recomido das pedras.

— Para que trazes isto?

— Pois não sabes que, na noite do Natal, quando todos dormem, anjos descem do céu com presentes para as crianças? A gente põe um sapato perto do fogão, porque os anjos entram nas casas pela chaminé, e, de manhã, quando acorda, vai encontrá-lo cheio de presentes? Como eu não tinha sapato saí por aí à procura de um e achei este. Está velho, mas é grande! Se os anjos o enchessem de dinheiro... Nem sei!

A mulher, com os olhos marejados, sorriu da ingenuidade do pequeno, e, atraindo-o ao colo, num impulso de piedoso amor, beijou-o perguntando:

— Comeste alguma coisa?

— Não.

— Estás com fome?

- Estou, mas prefiro dormir. A gente, dormindo, voa nas horas.
- Pois sim. Mas antes vai mudar a roupa, porque estás encharcado.
- Primeiro vou deixar o sapato na cozinha.

Mal o pequeno adormeceu foi a mulher a uma arca, tirou umas costuras e pôs-se a coser em silêncio.

Cantaram os galos, ao longe soaram docemente os sinos, cresceram na rua os rumores da manhã e o sol nasceu dourado.

Ao abrir a janela um golpe de ar fê-la tossir e o pequeno acordou. Vendo o lampião aceso julgou que ainda era noite e perguntou à mãe:

- Por que não te deitas? Os anjos, sentindo gente acordada, não entram nas casas para não ser vistos. E eles já devem andar voando perto. Vem dormir.
- Dormir!... E abriu a janela.
- O sol! Exclamou o pequeno. E não te deitaste?!
- Se me houvesse deitado quem faria a roupa que hás de hoje vestir?
- Então... Choramingou o pequeno e, saltando da cama, correu à cozinha.

O sapato lá estava, vazio como ele o deixara.

— Vês? Disse com as lágrimas a quatro e quatro: ficaste acordada e os anjos passaram e foram-se. Eles só entram nas casas quando todos dormem. Se tu houvesse deitado estaríamos ricos porque eles teriam enchido o sapato de ouro... e assim...

A mulher esteve um momento a olhar a criança, contendo as lágrimas que lhe subiam do coração. Por fim, tremulamente, disse como um segredo triste:

- Como tu te iludes, meu filho.... O mesmo seria se eu houvesse dormido...
- Por que?
- Porque... Os anjos não deixam presentes em sapatos rotos.

NA TENDA DO OLEIRO

“Não fareis para vós nem deuses de pratas, nem deuses de ouro”. Esta é a sentença que me queres recordar, porque me vês neste comércio de ídolos.

Não os amoldo para mim, senão para os que têm fé. Faço-os e vendo-os como Schemaia amassa e vende os seus bolos de farinha e mel; mas creio tanto neles como nas palavras airadas das mulheres.

Já me viste no templo ou queimando aromatas diante de algum altar? Religiões são horizontes e os deuses valem tanto como as miragens e que se afiguram nas nuvens: coisas da terra espelhadas no céu. Eu, que vivo entre deuses, nunca testemunhei um milagre.

— Mas propagando a idolatria, ainda que a não pratiques, incorres em pecado porque, conhecendo o mal, fazes revés com ele.

— Ebal, que anda, por vale e monte, catando ervas e raízes, não tem mãos a medir na sua tenda. Os seus venenos dão alívio e restituem a saúde, como os meus ídolos confortam e fazem voltar a esperança... Menos à minha filha, ai! dela, que

nasceu e vive entre deuses e não deixa o leito, entrevada e gemendo. Como poderia em acreditar em ídolos se os plasmou com as minhas mãos, tirando-os da terra onde mais úteis seriam fazendo o milagre de transformarem a semente em flor e fruto.

— Ídolos são como pedras miliares no caminho da crença.

— Dizes bem, marcos de pedra, barro, metal... Coisas vãs. Um dia, vinha eu de Joppé, quando ouvi dizer que entrara em Jerusalém o Anunciado. A cidade recendia e todo o povo cantava brandindo festões e palmas. Certo de que, mais cedo ou mais tarde, haviam de procurar a imagem do novo Deus e ainda com a intenção de pedir-lhe o milagre da cura da minha filha, fui-me no seu encalço. Diseram-me que subira à Bethânia. Dirigi-me à colina e, guiando-me pelos que o buscavam, cheguei à casa de Lázaro.

Efetivamente ele lá estava entre as irmãs do ancião.

— E falaste-lhe?

— Não. Nem passeis do limar da casa, de onde o observei. A esperança, que rebentara em meu coração, murchou instantaneamente como um ramo verde ao fogo. O Anunciado era um homem como eu, como tu. Alto, airoso, moreno, cabelos longos, olhos negros, mas doces, duma doçura triste. Esse era o que ali estava: o Deus dos profetas, filho da terra lacrimosa, que morreu e sofreu como homem, às mãos dos homens.

— Mas ressuscitou, Joas.

— No canto heróico de Maria, que o amou além da morte. São as mulheres, Yozabad, que fazem com amor as religiões e as guerras. Nós homens, com toda a arte de que nos vangloriamos, não produzimos mais do que miragens efêmeras; elas, com o amor sublime, realizam prodígios, enchendo o céu de deuses e a história de heróis.

O RIBEIRÃO E O MAR

De negra rocha, à sombra de arvoredos espessos, no mais profundo da brenha, onde não se infiltra o sol, lanteja, gota a gota, a linfa cristalina. Ajunta-se num côncavo, cujo fundo de areia alveja e os finos ervaçais que o cercam miram-se no espelho d'água, de quando em quando aflorada em friso ao deslize sutil da asa de um libélula.

Do côncavo transborda um fio escasso, escoando esquivo, blandífluo, aqui fulguro, além brunido, sumindo-se, de repente, entre as gramíneas flexíveis para surgir adiante, mais cheio. Deriva em silêncio absorvendo no trânsito fluente as pequeninas águas que se lhe deparam: aqui um arroio; além, outro.

D'alto rochedo a pique escorre, em suor, um manto d'água enfeitado de rendas espumosas; doma-o e leva-o.

E o que nascera débil, sem voz, alarga-se, murmura, ondula e, acachando em pedras que se antolham a marcha, marulha aos borbulhões.

Um veio novo corre atraído ao seu encontro; outro rompe célere dos matos, colubreando, e investe como serpente à presa e nele engolfa-se. É já um córrego carreando folhas, levando de bubuia ramos e camalotes. E vai indo.

E tantas novas águas se lhe rendem que, ao sair da floresta, o que era, na origem um rosário de gotas, acachoeira-se estrepitoso, espuma férvido e, recebendo, pela primeira vez, o sol em cheio, coroa-se de uma irisada aureola de neblina.

E nele arfam canoas, acardumam-se peixes e as águas, antes rasas e sossegadas, agora não consentem vau e estrugem. É o ribeirão.

No inverno, com as copiosas chuvas que engrossam os seus tributários, impa orgulhoso e turvo e as terras que lhe ficam às margens sofrem-lhe as agressões.

Espraiam-se as águas salteadoras, a princípio em rastejo, mudas. À noite, avolumam-se e roncam soturnamente. Ouvem-nas os moradores ribeirinhos. Saem ao limiar com luzes e a claridade estira-se em rebrilho trêmulo pela imensa e líquida planura.

Foge a mísera gente, o gado arranca espavorido e aberra-se e o que eram póvoas e lavouras, tudo alagoa-se e vêm-se flutuando, quase anegados, tetos palhiços e copas de árvores. E as águas remugem, rolam assoberbadas aluindo casebres e caiçaras, esbarrondando barrancas, galgando cimos.

O vento sopra bonança, atropelam-se em debandada as nuvens plúmbeas, cessa o aguaceiro e azul alisa-se. Brilha o sol. Logo começa, a recuar as águas, serenam, baixam, remetendo-se ao nível natural.

Insiste o sol em brasa. Os alagados secam, as abafeiras fumam. Já aparecem pedras e coroas emplastadas de ervas.

Regressam dos seus refúgios altos os foragidos: o gado reaparece tímido, patinhando na lama. Crianças brincam chapejando nas poças que vão ficando abandonadas pelo rio. E as árvores escamam o cortiçame do lodo que se lhes apegou no tronco.

O sol requeima, suga avidamente as águas e a inundação limita-se às barrancas do rio que, pouco a pouco, mingua em córrego, reduzindo-se, por fim, a um filete que se arrasta, como lesma, no fundo do leito retalhado. E é tudo que resta da arrogância avassaladora.

Que é feito das águas atrevidas? Eram de empréstimo e foram-se. Petulância de presunçoso.

Vede, em contraste, o mar, sempre, invariavelmente o mesmo e nele, entanto, estão entrando, de contínuo, todos os rios da terra e as águas todas das nuvens, e é sempre o mesmo em majestosa serenidade.

Nasceu grande e, justamente por ser forte, é generoso e magnânimo. Respeitando carinhosamente a fragilidade da terra, ele, que podia levar as vagas aos cimos mais assomados não vai além das fronteiras brancas dos seus areais praianos. E é o mar!

Os ribeirões, esses, que só valem pelo que furtam, mal se sentem com águas, levantam-se em orgulho e devastam, lhes dá em cima o sol recuam e o rastro que deixam é lama.

Infelizmente o mar é um só e os ribeirões são muitos.

POESIA DE PASTOR

Sabendo que o pastor, cuja fama crescia entre os homens, só cantava na solidão, calando-se retraindo mal pressentia sombra humana, Laio e Evandro, filósofos, subiram uma tarde, ao monte e esconderam-se no bosque, onde passaram a noite.

Ao alvorecer, antes do sol, chegou o pastor.

Era jovem e robusto. Uma pele de cabra, descendo-lhe dos ombros, dava-lhe a volta aos rins e, para forrar-se à aspereza dos caminhos, trazia nos pés abarcas de cortiça. Pendia-lhe ao flanco uma concha de tartaruga, que era a sua lira rústica.

Sentando-se na pedra da fonte, pousou o cajado, que rematava em espículo de ferro e, enquanto os chibos e as cabras trepavam em alvoroço pelos alcândores, tomou a concha sonora, picou-lhe as cordas improvisando, enlevado, um cântico ao sol.

Ouvindo-o, entreolharam-se os dois sábios. E disse Evandro a Laio:

— Canta como os pássaros. É uma voz da natureza.

— Levemo-lo conosco, propôs Laio; instruído por nós tornar-se-á maior que Homero e mais suave que Píndaro, o pregoeiro das vitórias.

— Talvez seja melhor deixarmos-lo onde está. O rouxinol não canta em aviário: quer o seu ramo livre. A poesia do pastor é como as águas que brotam na floresta, que logo estancam-se se derrubam as árvores. Ouçamo-lo de onde estamos. No esplendor da cidade ele será ridículo e com a instrução que lhe dermos talvez perca o dom da poesia. Não o tiremos do agro, que é onde ele tem raízes.

Laio, porém, venceu com argumentos sutis e, saindo da espessura, dirigiu-se ao pastor, seduzindo-o com tais engodos que o trouxe do monte.

Logo entraram os dois a iniciá-lo na Ciência e tanto como avançavam na verdade ia o pastore perdendo as crenças e ficou todo em luz como um chão de floresta derrubada por lenhadores. E nunca mais se lhe ouviu um canto, nem jamais o encontraram em êxtase ao luar ou debruçado sobre as fontes límpidas, a escutar o cochicho das ninfas entre os lírios.

E disse Laio:

— Tornemos com ele ao monte. Que volte ao penedio e às árvores e, talvez, recupere a inspiração de outrora.

— Como ressuscitará a fonte se matamos a floresta? Ele adorava ingenuamente a natureza através do mistério e, onde quer que se manifestasse a vida, aí punha ele um deus. A Ciência iluminou-o e aí o tens, como um homem a quem houvessem roubado a riqueza. Onde, em sua alma, havia ilusões, pusemos nós certezas áridas, substituindo o luar, criador de fantasmagorias pelo sol que tudo revela. Como queres que ele regresse aos montes para cantar os deuses, se não crê; para adorar os astros, se lhes conhece a natureza; para falar às árvores, se as sabe inertes, para exaltar o amor se lhe mostramos o fundo do coração feminino? Agora, que o devastamos, que fique na tristeza humana, sem o refúgio da ilusão.

— E que faremos dele?

— Nada mais do que está feito: um homem, igual a todos os homens: campo raso de utilidade material, nunca, porém, nunca mais! Criador de poesia, que ele já não a tem para si quanto mais para dar. Era um simples que vivia feliz na ignorância; hoje, encerrado no labirinto da Ciência, erra aflito, sem rumo, nos corredores da dúvida era poeta no ermo e é hoje um homem triste, sem crenças. A água canta na fonte e cala-se no vaso.

E Laio suspirou:

— Pesa-me n'alma o remorso de haver matado um rouxinol. As ilusões que lhe tiramos eram nativas e eternas como a floresta do Parnaso. As ilusões que lhe impusemos com a Ciência são como as plantações dos seareiros que, todos os anos, dado o fruto, morrem e só revijam na terra depois de novas sementeiras.

AS TRÊS IRMÃS

No sopé da colina enfolhada de pâmpanos, com um fio d'água a esmaltá-la de cintilações, branca e colmada de jasmims de cheiro, a estalagem sorria afogada em verduras.

Nos laranjais dançavam moços e raparigas e crianças, com arcos de flores, faziam tal alarido que se ouvia longe.

Uma velhinha, sentada à sombra de enorme algodoeiro, desabotoado em flocos, fiava ouvindo o que lhe dizia um velho encarquilhado, com os olhos fundos refohados em rugas e tão pequeninos, que eram como dois besourinhos escondidos pelas pétalas.

O poeta passou pelos grupos e foi-se à sala do albergue.

A locandeira saiu-lhe ao encontro, rindo.

Era uma robusta moça, corada e forte e de tanta graça no leve e ligeiro andar que, só para a verem rebolar-se na vistosa saia, constantemente a reclamavam fora:

Mais vinho! Mais vinho!

Como estava quebrado de fadiga, sentou-se o poeta em um dos poiais da varanda, onde a moça o atendeu:

— Vinho?

— Não. Leva-me ao aposento mais retirado que tenhas, onde não cheguem rumores de riso nem eco de cantares. Quero o silêncio.

— Silêncio! E é aqui que o vindes buscar? Pode lá haver silêncio onde mora a Alegria?

— Ah! Esta é, então, a estalagem da Alegria?

— Nela estais e a própria dona é que vos fala.

— Desculpa-me, disse levantando-se. Vim errado. Não é este o albergue que me convém. Não há outro por aqui perto?

— Sim, na floresta: uma velha choça coberta de hera, onde habita, ente soluços, minha segunda irmã.

— Como se chama?

— Tristeza.

— E a primeira qual é?

— A Alegria, que sou eu. Tal não vos parecerá quando virdes a Tristeza. Também, coitada! Com tantos filhos!... Casou-se com o Pensamento e passa a vida a chorar. Mas se é silêncio que buscais, passai de largo porque na choça de minha irmã ninguém dorme: os Cuidados não deixam. Silêncio só o encontrareis adiante.

— Onde?

— Na estância da nossa irmã mais moça, a Morte.

— Mais moça!...

— Sim: veio depois de mim e da tristeza. É a última.

— E a Esperança, onde mora?

— A Esperança? A Esperança é uma pobre louca, que anda pelas estradas coroada de folhas verdes. O seu prazer é banhar-se nos lagos, mirar-se nas poças d'água e, vendo o azul refletido em tais espelhos, imagina achar-se no céu, como estrela. Pobrezinha! Ide à minha irmã mais moça. E foi-se o poeta.

Passou pela choça da Tristeza: tapera lúgubre em cujo teto palhiço arrulhavam pombos. Na eira, tanta era a gente de luto, que fazia como uma sombra larga ao sol. Ouviam-se os soluços à distância e os clamores atroavam o ar.

— É mais ruidoso, talvez, que o albergue da Alegria, pensou o poeta desviando-se e, depois de andar horas e horas, ao esmorecer da tarde, chegou à estância da Morte.

Era um campo estirado de filas de ciprestes, com salgueiros chorando ramas. Bateu num cipo funerário. Levantou-se a lápide e Morte surgiu-lhe como de um alçapão. Disse-lhe o poeta o seu desejo e a senhora dos túmulos respondeu-lhe em palavras graves:

— Em qualquer ponto deste campo tereis o que pedis se não trouxesses alma. Aqui reina o silêncio. A alma é que faz o ruído da vida com o estuar dos desejos, que se sublevam em ambições; com os amores, que degeneram em loucura e com esse delírio a que chamais de “Ideal”, investida ridícula ao Infinito, tentada por efêmeros. Não há tormentas que estrondem tão alto nem oceanos que rujam tão forte como um coração que se acelera em ânsia. Tornai à vida até que ele cesse de bater e, por frio, a alma o abandone diluindo-se no infinito como se esgarça o fundo de um fogo morto.

Disse e recolheu-se ao túmulo. E o poeta regressou à vida pelos caminhos que trilhara buscando a morte.

E agora, pobre Louco! Como a Esperança abeira-se dos lagos e das poças d’água iludida pela imagem do céu, que neles vê, ele não deixa o lume de dois olhos negros, que o guiam e, que, parecendo-lhe estrelas, são brasas que o vão queimando.

E a Morte, que o espera, já começou a construir no campo silencioso a morada que lhe destina e, enquanto trabalha, canta em voz pressaga:

“O amor é chama que atrai e mata a mariposa divina...”

E a alma do poeta desfaz-se em canções e idílios que a dona dos olhos negros recebe e espalha indiferente no ar.

NA VARANDA, AO LUAR

— A confiança é como o sol, minha filha; o ciúme é a luz do luar. Antes a noite negra, que encobre, do que o palor que tudo transfigura, fazendo dum ramo de árvore um espectro.

O luar é intrigante como lago, e Otelo preferia a certeza à suspeita do crime, porque na certeza são os olhos que vêm e na suspeita é o espírito que imagina. Que provas tens tu?

— Provas, seguramente, não as tenho; se as tivesse não pediria o teu conselho: procederia de “motu-próprio”.

— Pois se não tens provas não acuses teu marido nem faças à tua amiga a injustiça de a supores capaz de traição.

— Papai, a mulher é mais perspicaz do que o homem, por ser mais instintiva. O homem pensa mais do que observa, olha mais do que vê. É como o sol que difunde clarão e abrange imensidade, mas a sua luz não esquadrinha em pesquisas. A mulher rebusca, especula, afuroa — é como a lanterna surda que avança sorrateiramente na treva, iluminado recantos e frinchas.

Como o selvagem, a mulher tem os sentidos muito agudos: escuta no silêncio, vê no escuro, apalpa no vácuo, fareja no ar. O homem só dá pelo crime quando vê sangue ou vergonha; a mulher pressente-o na premeditação. Os oráculos eram sibilinos.

A inteligência feminina é toda feita de sensibilidade. Quando a mulher desconfia é porque alguma coisa a ameaça. E eu desconfio, meu pai.

— E quem é essa criatura?

— Uma espécie de manequim em que tudo se ajusta, como na hipocrisia. E justamente por ser um conjunto de mentiras, seduz, como toda a ilusão.

— Mas se ela é assim porque a recebes?

— Bem se vê que vives alheado do mundo, entre livros. Há criaturas que se insinuam como o pó: pra evitá-las seria necessário que eu trouxesse sempre a casa fechada. Ainda assim... Não sei! Essa é das tais. Recebo-a sempre friamente, não lhe retribuo as visitas, evito-as nas ruas e nos salões onde a encontro. Ela, porém, procura-me, agarra-se a mim, forçando a minha intimidade.

— E teu marido?

— Que têm?

— Já o surpreendeste em falta?

— Não.

— Então porque desconfias?

— Porque não é o mesmo, de uns tempos a esta parte.

— Maltrata-te?

— Não, trata-me até com mais carinho agora. Mas as flores também enfeitam os túmulos. Os carinhos do meu marido fazem-me pensar em coroas funéreas. A vida está lá fora, a sepultura é esta casa e a morta sou eu, coberta de rosas.

— E se teu marido está inocente?

— A inocência flutua sempre, meu pai.

— Nem sempre. Às vezes, para encontrá-la, é necessário descer ao fundo do abismo.

— Eu descerei.

— É arriscado.

— Que importa!

— O ciúme desvaira-te. Filha, não queiras mais do que aquilo que tens à vista. Contenta-te com o azul. O céu é um sainete com que a religião nos consola da morte. Se fores, com sede, à fonte mais límpida e mergulhares profundamente a bilha, até quem toque o leito, farás afluir à tona d'água, turvando-a, o rebalço que jaz assente no barro. Assim, no coração, que é fonte onde se refresca a alma, o amor é a água. Se o tomares na superfície há de saber-te a ventura, se lhe chegares ao fundo farás subir a flux tudo que há nele de dissimulação. Por que hás de toldar a água e dar-lhe ao gosto saibo cenagoso? Contenta-te com o que vês e goza as aparências. Na vida é a ilusão que nos guia. É ela que nos esconde a morte com a verdura da esperança e nos leva distraídos em miragem através do deserto em que somos peregrinos.

Pensas na morte, apesar da terra ser toda uma sepultura? Não! E por que hás de torturar-te eternamente com o ciúme?

— Porque o ciúme é a essência mesma do amor.

— É o lodo revolvido que sobe do coração, toldando a água em que a alma se abebera e que será sadia, se for límpida, e será venenosa se estiver eivada de detritos.

Aquele que, mergulhando, revolvesse o leito do rio mais cristalino, subiria à tona enojado, golfando em náuseas a água que houvesse engolido.

Ama, quero dizer: bebe a água que tens e deixa que passem na correnteza e nela afundem as folhas caídas das árvores acenosas. Tu mesma, quem sabe lá! Hás de ter resíduos no coração. Sonda o passado, recorda a tua vida de solteira e nela hás de achar rebalço. Foi teu marido o primeiro e único amor que tiveste?

Que importa o que jaz no fundo se na vida flutuamos no superficial? O amor é como Deus: um invisível em que todos acreditam, que todos invocam, a que todos se ajoelham e que ninguém verá jamais, sendo, entretanto, a Providência da Vida.

Os que se entranham no mistério, procurando a causa, perdem-se na loucura. Contentemo-nos com a graça divina, que se manifesta em tudo que nos cerca: no sol, no ar, no azul, nas flores, na vida, no mundo, enfim, que é o paraíso que temos.

— Prefiro o inferno, meu pai.

— Mau gosto.

— O amor sem ciúme é como um fruto sem acidez. O homem não ama, habitua-se. Só a mulher tem coração para o amor.

— E para o ódio.

— Quanto mais clara é a luz mais se denigrem as sombras.

— Razão tem os pomareiros quando lastimam um belo fruto.

— Por que?

— Porque... Quase sempre têm larvas.

— Que queres dizer?

— Quero dizer... Que és bela.

PARADISIA

D'uma estrela fizera Deus aquela ilha e nela assistiu enquanto fabricou o mundo. Onde solo mais rico, ar mais fino e mais puro, águas mais límpidas e frescas, arvoredos mais virides, aves de plumagem tão variegadas e canto tão harmonioso, flores mais redolentes e animais de tanta mansidão?

As lavouras brotavam ricas, sem trabalho d'homem, o ouro luzia à flor da terra, o diamante forrava o leito raso dos córregos; havia rochas de esmeralda, cavernas acesas em berilos e tantos eram os rubis nas serras que formavam por elas como caudais de sangue.

Nem frios, nem calores; uma temperatura equilibrada que permitia caminhar ao sol e dormir, sem resguardo, à luz da lua.

Paradisia se chamava a ilha afortunada.

Uma tarde, passeando na praia vários insulanos, ouviram clamores que vinham do mar.

No porto, aferradas a ancoras d'ouro, balouçavam-se embarcações de vários portes. Os da ilha lançaram-se em bateis ligeiros, e, fazendo-se ao largo, recolheram um naufrago que, durante três dias e três noites, rolara em vagalhões e tormenta, agarrado a um remo. Agasalharam-no, vestiram-no, fartaram-no. E o homem repousado e contente, narrou-lhes a sua história: era pescador, d'uma aldeia misérrima entre dunas e penhascos, onde as mulheres, de luto, amaldiçoavam o mar.

E mais: descreveu as terras d'além, assoladas de males, adustas no verão, regeladas no inverno, onde os homens degladiavam-se pelo ouro e pelo gozo.

E falou da miséria e da morte, das angústias da fome e das dores que lancinam, das enfermidades que deformam, do abandono em que jaz o pobre, da soberba dos ricos, da humildade dos fracos, da arrogância dos fortes, referindo-se ainda às traições, ao vício, à impiedade e ao crime.

E os insulanos ouviram-no maravilhados.

Na manhã seguinte — e foi esta a causa da grande guerra que entre si travaram os paradísios — como o naufrago afirmasse que se norteasse pelas estrelas, direito às terras d'além, foi uma azafama em aparelhar e abastecer trirremes e, como todos o quisessem por piloto, renhiu-se a luta armada.

Tingiu-se a terra de sangue e o incêndio lavrou do casario à floresta.

Foi então que, na altura, estrondou a cólera de Deus contra aqueles homens de sua preferência que, vivendo em felicidade plena ainda haviam desejado o que lhes descrevera o pescador.

E, pelo crime d'essa ambição, Deus conflagrou os elementos: fendeu, esboroou a ilha, assoberbou os mares, desencadeou os ventos, inflamou os raios e subverteu no abismo Paradisia, fazendo desaparecer com ela a única estância de ventura que deixara no mundo.

A MENTIRA

Depois que Adão e Eva foram expulsos do Éden o delicioso jardim transformou-se em selva brava. Os dóceis animais, que viviam associados, pastando nos mesmos campos, bebendo das mesmas ribeiras enfureceram-se e os mais fortes lançaram-se sobre os mais fracos. O sangue correu copioso.

As árvores agulharam-se de espinhos, as pedras explodiram fagulhas, o mar e o rio empolaram-se em vagas, o raio sulcou o espaço, apareceram as grossas nuvens negras, pejudas de tormenta. E veio a primeira noite.

Na escuridão de uma caverna, abrigo de leões, encontraram-se duas virgens. Uma era tão clara e os seus olhos brilhavam tanto que, em volta do seu corpo nu, tudo resplandecia. A outra, coberta de folhagem, atraída pelo esplendor da primeira, foi por ele e alcançou-a. Juntas, encolhendo-se em um vão da furna, conversaram:

— Que terá acontecido? Onde andarás o casal de Deus?

— Não sei, respondeu a virgem luminosa. Não os encontro, por mais que os busque. E agora, então, neste escuro... Que terá acontecido ao sol?

— Eu sei.

— Sabes?

— Sei. O sol era só e vivia triste, como Adão antes de Eva ser criada. Então o senhor adormeceu-o para tirar-lhe do corpo uma companheira, a lua, que será a mãe das ilusões.

Ouvindo a companheira, que assim falava, perguntou a virgem luminosa:

— Tu quem és? Como te chamas?

— Eu sou filha da terra, nascida, há pouco, na raiz da árvore que está no meio do Paraíso. O meu nome é Mentira. E tu?

— Eu sou uma das virgens que cercam o trono do Senhor. Fiquei na terra para guiar o Homem. Já que não o vejo dentro da escuridão vou regressar ao céu.

— Leva-me comigo, pediu a Mentira.

— Vem. E as duas levantaram vô. Chegando ao céu, foi a Verdade entrando e os anjos receberam-na contentes. Vendo, porém, que a outra a acompanhava, opuseram-se:

— Quem és tu?

— É a Mentira, disse a virgem luminosa, filha da terra, nascida na raiz da árvore que está no meio do Paraíso.

— Para trás! intimaram os anjos. Não tens aqui lugar. Regressa ao teu berço. E fecharam a porta diamantina.

Ficou a Mentira no espaço e, receosa de tornar à terra, onde tudo era revolta e furor tomou a direção do inferno. O caminho era sinuoso e áspero, calçado a brasas, por entre escarpas por onde escorriam caudais de lava. Chegando ao vestíbulo combusto pediu para falar a Lúcifer. Uma salamandra introduziu-a.

O mau Anjo recebeu-a carrancudo:

— Senhor, velho implorar a vossa proteção. A terra escureceu de repente e, tudo que nela havia, que era dócil, embraveceu e ameaça-me. Guardai-me convosco.

— E quem és? Como te chamas?

— Sou a Mentira.

D'um salto pôs-se Lúcifer de pé, sorrindo e, abraçando a virgem, que o encarava, espantada da súbita mudança, exclamou ameigando-a:

— A Mentira! Pois és tu?! Foste tu que nasceste da semente do fruto proibido?

— Eu mesma, Senhor.

— E foste bater ao céu?

— E repeliram-me.

— E vens pedir socorro ao inferno?

— Certa de que m'o dareis.

— Não. Preciso de ti na terra regressa e assume o governo do mundo. Serás a dominadora da Vida, e a minha Força entre os homens. Vai! E deu-lhe um cofre onde havia todas as seduções e todos os caprichos, mas a virgem hesitou medrosa, e em palavras trêmulas, falou:

— Mas onde poderei eu ficar, Senhor? Não há lugar na terra para mim. As florestas tomaram o solo, o mar e os rios não me aceitam, nas cavernas acolhem-se os animais ferozes, nos próprios ares, ainda que eu neles me pudesse librar, pairando sobre as asas, teria de defender-me dos abutres. Onde ordenais que eu fique?

— No coração da mulher, disse Lúcifer, e, daí, governará a Vida. E, beijando-a na boca, acompanhou-a ao vestíbulo e despediu-a.

Eis porque desde que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, a Verdade desapareceu do mundo e a Mentira domina onipotente.

A CIGARRA E A FORMIGA

Que faisiez-vous au temps chaud?

Dit-elle a cete emprunteuse.

Nuit et jour à tout venant

Je chantois, ne vous déplise.

Vous chantiez! j'em suis fort aise

Eh! bien! dansez maintenant

La Fontaine

Posto que se houvessem provido para o tempo áspero, as formigas começavam a preocupar-se com a delonga do inverno: Maio e nevava ainda. Já se agitava em receio o povo subterrâneo quando uma velha formiga, com experiência de dois invernos, ponderou acalmando-o:

— Não vos alarmeis, filhas da terra. Cante a cigarra cálida e o sol reabrirá no azul os dias de ouro. Tais palavras soaram em tom de oráculo. Certa formiga, porém, que até então se conservava quieta, suspirou lamentosa:

— Ai! De nós, se a volta do sol depende do canto da cigarra, nunca mais reviharão as lavouras nem se revestirão de folhas as árvores do bosque.

— E por que? Perguntaram. E a merencória contou como, no cerrar do inverno, a cigarra lhe pedira o empréstimo de uma migalha e a resposta que ela lhe dera. Foi, então, um alvoroço no formigueiro. Tornou a velha formiga com o seu suave conselho.

— O mal está feito, disse, não o agraveis com um motim. Ide todas com as provisões de socorro, correi frinchas e taliscas, fendas e brocas de troncos, gretas de barrancas e lezins de rochas e talvez ainda encontreis viva a cigarra. Há um deus que dá aos pobres lareira e cibo no sonho em que os adormenta. Talvez esteja a dormir, sonhando.

Enegreceu a neve em volta do formigueiro com a saída do enxame, logo, porém, dispersando-se, seguiu, cada qual, a seu rumo.

Quis o destino que fosse a própria formiga, que negara a esmola à cantadeira, quem a encontrasse em uma lura, inerte, fria, como morta. Acudiu a mísera com os cordiais que levava e, vendo-a mover as asas, debilmente, deu-lhe de comer bastante.

Fartou-se a cigarra e, à medida que as forças lhe voltavam, abria as asas. distendia as pernas e ensaiava cicios. E lenta, trôpega, arrastou-se até a beira da cova.

Tudo era esqualor de neve e bruma. E a cigarra cantou.

Logo rolaram de roldão as nuvens, os riachinhos gelados despertaram, jorraram catadupas das montanhas e rasgou-se uma nesga de azul e por ela desceu uma réstia de sol: era o rebento da luz. E foi a vez das raízes e dos ninhos acordarem — romperam novédios, bateram asas no espaço e houve aroma e houve cantos. Era a primavera.

E a cigarra cantou mais alto e os lavradores saíram, balaram os rebanhos contentes mugiram os bois no trabalho e a azenha perra girou na levadia.

Então a formiga pôs-se a escutar o canto da cigarra, ao sol, vendo reçumar a vida em volta da árvore decídua em que desferia o inseto. E recolhendo-se ao formigueiro, ouvia outros cantares humanos, qual mais alto e jocundo, qual mais meigo e amoroso. E assim a cigarra imprevidente e provida restituía o sol e a vida a quem lhe negara a miga.

Assim és tu, Poesia, sempre generosa que, aos que mais te desprezaram nas horas agras dás esperanças, que é luz; dás o amor que é sol; e dás a fé, que é o zul, consolação dos olhos desesperados.

ÁGUAS SUBTERRÂNEAS

Para que cavas tão fundo, cavador? A semente aninha-se em um sulco.
Se é para a vida que trabalhas não dês ao berço a profundidade do sepulcro.
Não vinques tão a dentro o solo. Para chamar à face da terra a flor, que é o

seu sorriso, basta um golpe. A cova é vácuo que penetra o chão e o abre largo e descoberto como o riso sem carne da caveira. Não faças obra de cemitério, tu que és sementeiro.

A terra, para produzir, basta ser aflorada; quem a recava demais topa com as águas subterrâneas e, em vez de evocar a florada, provoca borbulhões cacheiros.

Tudo requer medida para ser perfeito. Nem tanto cavar, cavador, que as minas d'água rebentem a teus pés e fiquem em dilúvio.

Não rias tanto, linda moça, que assim dás com a tua alegria em pranto, porque o rir é, também, cavar.

Quando sorris ficas com o rosto florido; gargalhas e toda se te engalha a face deformando-se como um terreno revolvido e, se insistes, vê-se-te a boca como um jazigo, em cuja beira alvejam os dentes em ossada. E que te acontece aos olhos? ficam marejados. É que entras demais com a alegria no íntimo d'alma como o cavador teimoso pela terra; e que acha ele no fundo? Águas; e tu, que encontras? Lágrimas.

Fazes mal em rir assim; contenta-te com o sorriso que te embeleza e toda te reveste de graça.

Rindo, como ris, acabas chorando e, com o pranto em fios pelas faces, não sabe a gente se, em verdade, rir ou se chora disfarçadamente.

Olha o cavador! Tanto enterrou a enxada, tanto avançou com a cova que lá deu, no abismo, com o veio das águas recônditas.

Não rias tanto, linda moça, que o riso é como o sol em neve; brando, fá-la cintilar irisada; forte, reluma-a e funde-a em corredeiras.

Não rias tanto porque o fundo do coração é como o fundo da terra — um manancial.

Olha o cavador! Tanto desceu com a enxada que as águas das minas romperam das profundezas como te estão a correr dos olhos, à força de tanto rires, essas lágrimas que não são mais do que águas subterrâneas do coração. Nem tanto cavar, nem tanto rir. Para chamar a flor à terra basta um sulco, e a maior alegria cabe num sorriso.

O RELÓGIO

— Que é isso?

— Isso, que?

— O relógio... Por que está batendo assim?

É o relojoeiro que o está examinando. Parou a toa. Também está velho...

— É. Deve ter mais de oitenta anos. Eu estou com sessenta e três e, quando nasci, ele já era velho em casa. Naturalmente o relojoeiro há de querer levá-lo para a oficina.

— É

O enfermo soergueu-se com angústia, respirando a haustos e, depois de uma pausa melancólica, murmurou humildemente:

— Eu devia ir também para uma Casa de Saúde,

— Ora, papai... Que idéia! Você tem cada uma...

— Não, minha filha; eu sei. Os doentes incomodam. São trambolhos no meio do caminho atrapalhando o andar dos que têm pressa. E, quando são velhos, como eu, ainda pior. O relógio, com esse bater descompassado, é como eu com a tosse, com os gemidos, com as impertinências, sempre a chamar vocês para uma coisa e outra. Se eu estivesse em uma Casa de Saúde...

— Era o que faltava! Papai quer mais alguma coisa?

— Não. Olha: fecha a janela. Mais! Corre o ferrolho.

— Quer ficar no escuro?

— Talvez durma um pouco. Assim... Agora vai. Tens que fazer lá dentro. Se eu precisar chamo-te.

— A campainha está aqui. É só papai estender o braço.

— Sim. Vai.

Caía, contínuo e fúnebre, no silêncio o som monótono das horas como se todas, uma a uma, abandonassem a velha caixa.

O enfermo encolheu-se, puxou as cobertas até o queixo e, imóvel na escuridão do quarto, ficou-se a ouvir supersticiosamente aquele rumor de abandono: a saída das horas, seguindo com a imaginação a tragédia, só para ela representada por aqueles sons lúgubres.

D'olhos fechados via o relógio, um grande relógio de armário, que lá estava a um canto da sala de jantar, com o seu quadrante de porcelana reticulado de fissuras e o disco da pendula oscilando lento, em lampejos irradiantes.

Via-o cheio de tempo, como um cortiço enxameado, sempre a gerar segundos que cresciam em minutos até chegarem as horas, para, então, fugirem, perderem-se na Eternidade. Dentro, porém, da caixa a vida continuava com a versatilidade da pendula, e outros segundos nasciam, cresciam em minutos, em horas e iam enchendo os dias, semanas, meses, anos, sempre alegrando a casa com o zumbido sonoro.

E parara.

Quando as abelhas abandonam o panal as misérias entram-lhe pelos aivados. E aquelas horas fugindo assim em atropelo, como as abelhas fogem quando lhes crestam a colméia... Fuga de abelhas é sinal de desgraça...

Que teria acontecido ao relógio? Talvez a corda houvesse rebentado.

Só ele o entendia, coitado! Dava-lhe corda, acertava-o, até com ele conversava repreendendo-o por descuidos na marcação do tempo.

Aos sábados lá estava para alimentá-lo e se, alguma vez, esquecia-se, ouvindo as horas fracas, logo acudia ao reclamo do faminto desculpando-se do descuido com a velhice que o desmemoriava.

Mas com a doença, sem poder sair da cama, ali a acabar... Pobre relógio!

Quantas horas teriam passado por ele desde que saíra da oficina natal: horas alegres, horas tristes, abelhinhas invisíveis que andam pelas almas como as outras pelas flores. Quantas!

E lá fora continuava o som cadente e lúgubre, um a um, no silêncio.

O enfermo sentiu o coração crescer-lhe precipitando as pancadas, como se também estivesse a esvaziar-se da vida, à maneira do relógio que batia a toa, desordenadamente, horas e horas seguidas.

Espavorido, soergueu-se dificilmente apoiado aos cotovelos e ficou à escuta.

Silêncio. O relógio deixara de bater por que?

Iam, de certo, levá-lo. Ele, porém, voltaria ao seu canto, na sala; voltaria consertado para continuar a vida, espalhando novas horas pelo Tempo, abelhas para fabricarem misteriosamente mel e cera.

E o seu coração? Para esse não havia conserto e, lançando assim a vida precipitadamente, em breve estaria sem nada.

Quis ver o sol — a janela vedava-o e a escuridão tornou-se-lhe densa, pesada como terra de túmulo.

Sentiu uma opressão de asfixia, pruir de vermes no corpo, vibrações de arrepios e um sono que o invadia, entrando-lhe pelos poros como a água encharca a esponja. Um som longínquo de campainha de viatico soou-lhe aos ouvidos longa, percucientemente.

Quem teria pedido o Nosso Pai?

Abateu no travesseiro boquiaberto, d'olhos parados e a luz foi-se-lhe neles apagando. Em impulso extremo da vontade quis alcançara campainha — o braço não se moveu, inerte. Tentou um grito e o ar saiu-lhe em rouqueio, a rolos, como se lhe houvesse entrado água pela boca.

E a vida, esparsa no ambiente, não conseguiu penetrá-lo como não entra o sol em uma casa a que fecham aferrolhadamente portas e janelas.

QUERÊNCIA

Viajavam sempre juntos, na mesma carreta: o cafre e o esquimó. Eram eles, mais um urso e dois macacos, as curiosidades com que os saltimbancos atraíam concorrência ao circo. Assim, apenas chegavam a qualquer cidade ou vila, logo faziam sair o palhaço escanchado num jumento, anunciando o homem que vivia dentro do gelo e o negro, queimado do sol, que domava serpentes.

E nas casas, nas lojas, nas lavouras e até no adro das igrejas outro não era o assunto das conversas senão os dois homens nunca vistos: um que vinha do pólo, outro das brenhas d'África.

Desde a tarde, quando se acendiam as luminárias à entrada do circo e começava o zabumbar estrondoso, com o falario araviado dos palhaços, cabriolando aos trambolhões e taponas, no alto de um estrado, era gente a chegar por todos os caminhos: a pé, aos grupos, a cavalo, em carriolas e o interesse que trazia a todos, às vezes de léguas, era somente o de ver os dois homens raros, tão preconizados pelos reclames.

E começava o espetáculo.

Esforçavam-se à compita funâmbulos e volantins, equilibristas e saltadores, pelotiqueiros e malabaristas, prestimanos, volteadores e amazonas; o povo burburinhava ansioso à espera dos dois homens e, quando lhes chegava a vez, um silêncio de curiosidade abafava o murmúrio.

E afinal, que eram eles, os “grandes números” do programa? Um macambúzio groelandês e um negro bronco que grugulhava saltando, em tripúdio selvagem, ao som monótono de um tamboril.

Era tal a decepção do povo que, no segundo espetáculo, dificilmente conseguiam os saltimbancos gente que desse para uma fila da arquibancada.

E lá vinham, depois dos ginastas, dos mímicos e dos animais os dois exilados tristes.

No dia seguinte, pela manhã, partia o bando estrada fora, ao som dos tambores e cornetas, com a cavalhada nédia, o urso lerdo, os trêfegos macacos, homens e mulheres e crianças luzentes de lantejoulas e o esquimó e o negro sempre juntos na mesma carreta, cada qual acorocado a um canto.

Não trocavam palavra. Às vezes, entretanto, encaravam-se longamente, sacudiam a cabeça em gesto de desalento e, suspirando, recaíam na tristeza lúgubre.

Que lhes importavam os caminhos por onde transitavam: ruas de cidade ou estradas aldeãs, se viam apenas o que trazia aos olhos a saudade!

Definhavam melancolicamente e o que a um e outro os ia consumindo era o mesmo mal, a mesma doença surda — a nostalgia da pátria, o apelo da querência.

O groelandês suspirava pelos gelos, o negro pelos areais. Um, quando o luar alvecia os campos, sentava-se merencoriamente à porta da carreta enganando o coração com o espetáculo da alvura silenciosa que lhe recordava os paramos onde o vento, pulverizando a hibernia, passa ululando, envolto em brumas.

O negro, esse era nas horas mais quentes do dia, quando o sol fazia crepitar a terra seca, que mais sentia a angústia da saudade. E lá iam perecendo à dor da ausência, sempre longe, sofrendo do apartamento do que lhes era a vida; o gelo para o esquimó, e para o negro o sol.

Andaram, andaram, até que, uma manhã, sol alto, dando o diretor do circo pela ausência dos dois homens, foi à carreta onde eles. Bateu. Não responderam. Forçou, então, a porta frágil e entrou.

Lá estavam os dois, cada qual a seu canto, mortos; um perecera com saudades do gelo, o esquimó; outro sucumbira à saudade do sol, o negro.

Partiram juntos, à mesma hora, talvez, e as almas separaram-se na altura: uma em direção ao pólo, a rever as planuras e os rochedos hiálicos; outra, em rumo ao deserto de areias cálidas.

O FRUTO DA ÁRVORE DA VIDA

Enquanto Adão lavrava a terra, para entreter os filhos, que eram quatro: Caim e Azrum, Abel e Owain, nascido aos casais, como se viessem, desde o ventre, nupcialmente unido, Eva referia-lhes a delícia dos dias paradisíacos

Ouvindo-a, certa vez, Azrum, a mais velha e mais linda das meninas, que nascera da mesma dor em que viera Caim, perguntou-lhe, aconchegando-se-lhe entre os joelhos:

— Se era tal como o descreves porque deixaste o jardim por esta terra maligna, alagada em pântanos, eriçada de espinhos e crespada de tojo e urze?

— Não o deixamos de nosso grado: fomos dele expulsos. O Senhor, que tudo nos concedera e facilitara, só nos proibira tocar nos frutos da Árvore da Vida. Uma manhã, como nos achássemos à sombra da árvore defesa, a serpente desceu das frondes enroscando-se-lhe no tronco e, alongando a cabeça astuciosa, falou-me com dizeres de engano induzindo-me à desobediência. E pequei contra Deus. E, assim como me tentara a serpente, assim tentei eu a Adão, oferecendo-lhe um dos frutos que colhera.

Pareciam de ouro e recendiam como flores.

Pusemo-nos a descascá-los e, tantas eram as cascas, que formaram montes diante de nós.

Chegando ao âmago, com ânsia de saborear a polpa, que devia ser fina, não encontramos mais que um bocado de terra e vermes como sementes.

Ainda não saíramos do espanto quando os ares estrondaram com o voz do Senhor e vimos resplandecer na espessura das árvores, já atroando frêmitos e uivos d'animais enfurecidos, o Anjo que nos apontava o caminho do exílio.

Tal era o fruto proibido, o fruto da árvore da Vida, imagem da mesma vida, com o que ela tem de enganos e ilusões.

Desde que saímos do Éden outra coisa não temos feito senão procurar a felicidade e os dias passam, sucedem-se como as cascas do fruto de ouro, prolongando o nosso sofrimento até que cheguemos ao âmago onde acharemos um pouco de terra com os vermes da morte.

— E se não houvesse colhido o fruto? Perguntou Abel, o de cabelos dourados.

— Se o não houvesse colhido, disse Eva sorrindo e com lágrimas nos olhos, não teria sofrido a dor da vossa vida, mas não gozaria ouvir o que os anjos não ouvem no céu — o doce nome de mãe com que me acaricias.

A VITÓRIA DO PRÍNCIPE

Farto de vitórias e gasto de prazeres entediava-se mortalmente o príncipe na monotonia da corte quando lhe ocorreu a idéia arrogante de combater e aniquilar a Noite.

Convocando a palácio sábios e sacerdotes, expôs-lhe o seu capricho, pedindo-lhes conselho. Todos, unânimes, louvaram-lhe o propósito, augurando-lhe o triunfo e cada qual, com exceção apenas de um, que vivia solitário na montanha, sugeriu-lhe uma idéia.

Este, lembrou abater-se a floresta para que se levantassem com os troncos fogueiras altas; esse, que se canalizasse para os jardins um rio de nafta; aquele, que se corresse no bordo das muralhas um debrum de betume; outro, que se requisitassem todas as lâmpadas e tripodes da cidade para iluminação do arvoredado.

Um só conservou-se em silêncio e, calado como se mantivera, calado foi-se.

Durante meses, sem descanso, trabalharam milhares de operários, até que chegou a data em que se devia travar o combate.

Antes de cair o sol começou nos jardins e nos palácios a azafama aforçurada. Primeiro acendeu-se o betume das muralhas e logo, esfervilhando, ardeu a orla estendendo-se na sombra, em voltas sinuosas, como um dragão que cercasse a cidade; as fogueiras atorreadas crepitaram eruptas; explodiu violentamente a nafta rolando o incêndio; tripodes e lâmpadas alumiam-se no folheto; brilharam lumes em todos os pontos dos jardins, nos maciços e nas aléias; aqui, em línguas lívidas, além em áscuas trêmulas e o palácio iluminou-se incendiado.

E, como os que a ele afluíram eram guerreiros com armaduras lampejantes, nobres com os seus vestidos atávicos, damas em trajes fúlguros, carregados de jóia, no torvelinho em que se moviam relumbravam cintilações.

Acentuou-se o deslumbramento quando o príncipe, em maravilhosa pompa, trazido num palanquim, sob uma fronde de alaras, cercado de luzidios guardas, apareceu no salão de colunas de ônix, cujo soalho, vermicudado de incrustações, coruscava como esparzido de fagulhas.

De todos os peitos, como de um só, rebentou uníssona a aclamação triunfal: “Glória eterna ao príncipe fulgente!”.

Vibraram os sistros trêmulos e os címbalos clangoraram percutindo as longas tubas de prata.

Satisfeito e orgulhoso do que via, sentou-se o príncipe no trono e, diante dele, zumbidos, com as longas barbas de rojo, desfilaram os sábios e os sacerdotes, enaltecendo-o, com louvores, pela vitória esplêndida.

Um voz, porém, faltou no coro da lisonja e, ao passar o último dos sábios, o príncipe indagou do que não vira.

Disse-lhe o chefe dos guardas que esse não aparecera, posto que os arautos houvessem levado a todos os cantos, ainda aos mais remotos e obscuros da cidade, a grande proclamação.

Irritou-se o monarca com o descaso do súdito, exigindo que o trouxessem à sua presença.

Azinha, cavalgando corcéis árdegos, partiram, em flecha, cavaleiros ágeis e, instantes depois entrava o ancião à presença do príncipe, que o interpelou sobreceño:

— Por que não vieste, como lhe cumpria, à festa do meu triunfo?

— Senhor, fizestes apregoar que venceríeis a Noite e eu não quis intervir no duelo dos deuses antes que a glória fizesse a sua eleição. Esperava que tal se desse, mas olhando da eminência em que habito e avistando apenas, cá em baixo, um clarão de fogueira, imaginei que houvesse adiado o encontro e deixei-me ficar no estudo.

Que distinguia eu? Fogo de lenha, que eu também acendo no inverno e qualquer criança atea com gravetos e folhas secas. A noite negra imperava e que viria eu fazer, ante vós, com uma candeia na mão?

Se a isto chamais vitória, também o vaga-lume pode celebrá-la, porque acende faíscas no escuro.

Houve um sussurro de espanto entre os presentes e todos, com vexame intimamente, concordaram com as palavras do solitário porque, em verdade, não viam em tudo aquilo mais que uma pantomima deslumbrante, que só servia para por em realce, e com ridículo, a vaidade.

No oriente, acima do fio da cordilheira, o céu pálido rosava-se e lâminas de estratos entre nuvens purpúreas, pareciam alfanjes embebidos em sangue. Pelas faldas dos montes escorriam torrentes de luz áurea, espreado-se nas campinas com faiscações de orvalho.

Por fim levantou-se o sol e o esplendor foi geral e radioso. Desde o alto até a mais escondida grotá.

E apareceram, então, os destroços da vitória: o leito calcinado em que se inflamara a nafta, o rescaldo das fogueiras altas e as lâmpadas extintas, as tripodes apagadas. E o solitário disse:

— Vede, senhor, bastou que nascesse o sol para que toda a escuridão sumisse e, com ela, a mentira das palavras. Eis o que resta da vossa vitória: cinzas, morrões e crustas, e dos hinos nem o eco no espaço.

Quem elogia por lisonja é como o que apanha frutos podres e, em corbelha de prata, acamando-os em flores, manda-os de presente. Eu vivo na minha selva e tiro os louvores da sinceridade, que é árvore alta e só ofereço os que escolho entre os mais belos, e bem sazonados; os podres deixo-os no chão para os animais.

E tal foi a resposta do solitário ao príncipe.

O SEGREDO

A tarde recolhia-se envolta em fino véu violáceo, em cuja fímbria, de rasto pela terra, sonorizavam os guizos das cigarras. Um cheiro morno, como do suor das árvores, impregnava o silvedo e as folhas, aliviadas do sol, brincavam trêfegas nos ramos.

De mãos dadas, em enlevo, os noivos desciam vagorosamente em direção ao lago. Uma borboleta azul passou por eles, lenta; pousou em um arbusto e, cerrando as asas, ficou imóvel como flor fugitiva que, receosa da noite próxima, houvesse regressado à haste. Todas as frondes chilreavam.

Como a noiva, baixando os olhos, murmurasse uma palavra tímida, o noivo disse-lhe:

— Confias mais na fidelidade da tua amiga do que no teu próprio interesse para que lhe dês a guardar o que deves trazer tão escondido que nem em teus olhos o descubram esses mesmos que lêem nos astros? Um segredo que nos escapa é como a escama que se destaca da armadura do guerreiro, deixando-lhe no peito um ponto vulnerável.

Acreditas que tua amiga tenha mais empenho que tu, no resguardo da tua alma? Enquanto tiverdes o coração abotoado não virão rondá-lo abelhas e beija-flores. Cerra-o e viverás tranqüila.

Vê as águas do lago como repousam serenas, sem a mais leve rusga? Espera.

Então, colhendo uma flor das silvas, o noivo lançou-a no meio do lago.

Arrepiaram-se as águas sensitivamente e logo frisou-se um círculo em torno da flor, que arfava; outro partiu da aureola do primeiro, desdobrou-se o segundo em outro e assim, reproduzindo-se e ampliando-se, tanto se alargaram que foram quebrar nos ervaçais.

E disse, então, o noivo:

— Vês? No ponto em que caiu a flor fez-se uma enciclia pequenina, dela, porém, surgiram tantas outras e, aumentando, assim como se multiplicavam, se a mais atingissem as águas, mais longe chegariam elas estendendo o seu diâmetro pela largura do lago.

Dá-se o mesmo com o segredo que se confia a alguém. Passando de um a outro irá sempre aumentando como os círculos do lago que só morrem nas margens.

Que importa que seja mais leve e mais puro que uma flor? Se o passares à tua amiga dar-se-á o mesmo que se deu nas águas? de um círculo sairão outros e outros e, como do ouvido que recebe o segredo à boca que o transmite, há um caminho a percorrer, ele levará consigo para diante o que a fantasia, a mentira, a inveja, o despeito que lhe forem ajuntando até chegar à calúnia, que é como o lodo à beira das lagoas.

Tremem ainda as águas, e, se não fosse a terra, que as percinta, não sei até onde iriam os círculos que se abriram com a queda da pequenina flor.

Fia-te no que vês no lago que é um espelho.

NÚPCIAS

Querendo o senhor celebrar com magnificência os esponsais da filha convidou os vizinhos, sem exceção de um só e deu folga a todos os fâmulos e serviçais, inclusive os pastores que viviam no monte: Silvio e Flora.

A moça, nascida e criada na serra, era a primeira vez que descia ao chão.

Com que deslumbrado olhar pasmava diante de tudo que lhe mostrava Silvio:

— Ali é a igreja. Na colina, por trás, é o cemitério.

— Está cheio de cardos.

— Não. O que te parecem cardos são placas com a numeração das covas. Por elas é que a gente sabe onde tem os seus mortos.

Mas os sinos repicaram festivamente e um bando de andorinhas, abalando da torre, espalhou-se alegremente no ar como se fossem os próprios sons alados.

— Como soam altos os sinos. Lá em cima, quando os ouço, penso sempre que são cincerros de gados nas quebradas.

Era a hora nupcial e os dois pastores entraram na sala apinhada de gente, onde já se achavam o juiz, o escrivão e os noivos, sentados juntos.

A noiva, pálida, toda de branco, parecia um grande lírio envolto em neblina.

— Que fazem eles? Perguntou Flora ao ouvido de Silvio.

— Juram diante do juiz que serão um do outro até a morte.

— E é preciso jurar? Nós não juramos.

Silvio fê-la calar-se.

Finda a cerimônia civil encaminharam-se todos para a capela, onde já os esperava o padre, ricamente paramentado.

— Vê como é lindo o altar e como está cheio de luzes e coberto de flores, disse Silvio a Flora.

— É, mas lá em cima, perto da rocha onde nos encontramos e que foi o nosso altar, a toalha era d'água, com rendas de espuma, as luzes eram do sol e as flores, vivas nos seus galhos, cheiravam cercadas de abelhas.

Vendo os noivos ajoelharem-se Flora perguntou baixinho a Silvio:

— Que vão eles fazer? E Silvio segredou-lhe:

— Vão jurar diante de Deus que serão um do outro enquanto vivos forem.

A pastora abriu enormemente os olhos e, encarada no companheiro, sussurrou risonha:

— Silvio, se eles selam tudo com juramentos, é porque não têm confiança em si, nem no que fazem. Nós não juramos. E o pastor, sorrindo-lhe aos olhos claros:

— Para que jurar? Juramentos são liames de vime que estalam ao sol e apodrecem com as chuvas. O verdadeiro amor é como as árvores que se prendem

pelas raízes e, onde nascem, aí ficam, dando flores e frutos até a morte. Nós não juramos, entretanto...

Olharam-se enternecidos e sorridentes, apertando-se as mãos.
E disse o pastor, vendo os noivos levantarem-se:

— Talvez já se não lembrem do que disseram ao juiz.

— Do que disseram ao juiz...? Talvez já se não lembrem do que lhes acaba de dizer o padre.

E desataram a rir com tal escândalo que todos se voltaram para vê-los.

FLORES D'ÁGUA

Têm as águas os seus jardins, mais belos do que os da terra e, no tempo das flores, mais cheirosos.

O pescador, que os conhece, não se ilude ao dar com as ilhas verdes, que são os seus canteiros, e mete por elas a piroga, rompendo caminho através das folhas largas até, de novo, sair nas águas livres.

Garças, que pousam no balseiro em flor, bicando as plumas alvas, abrem as asas ao sol e, ariscas, ouvindo o bater da pá, que o pescador maneja descuidado, abalam em bando branco, como espuma que se levantasse da cachoeira e fosse pelas ares defluindo.

Mas o que ignora que as flores são falácias do abismo, maravilhado com a sua beleza, inebriado com o seu perfume e desejoso de as colher vai, no mesmo passo, da terra firme à balsa e, de chofre, mergulha.

Nadador, embora, de que lhe serve lutar se as raízes filíferas o prendem, se tudo, na profundidade o enliça e envolve como em teia infrangível!

Para escapar à cilada desce o nadador ao fundo e encontra-o cenagoso: é tudo lodo negro e viscido. Topa-o naufrago aflito e, revolvendo-o, levanta-o em tisque turvando, denegrindo as águas e fazendo em volta de si túrbida noite lutulenta.

Misero perdido! Falta-lhe o ar, constrange-se-lhe o peito opresso, incha-se o crânio, zoam-lhe os ouvidos; a asfixia fá-lo debater-se ansioso.

Sobe de borco, de roldão, revira ás tontas, lança, em desespero, as mãos e enreda-as em filandras, abre espavoridamente os olhos e vê os fios que oscilam tênues, emaranhados, como colgadura de cadilhos de ouro.

É a racinação das flores, são os liames ocultos da traição: à tona, o encanto meigo e frágil; nas profundas, peias de morte, trama de suplício, enleio de agonia.

E o nadador abre a boca ávido de ar e, em vez de alento, é água pútrida que sorve.

Um gole, o primeiro... Aflito, arranca impetuosamente em surto, arriba! Outro gole, e tonteia; ainda reage, mas entra-lhe a água aos golfos pela boca. Desatina-se, perturba-se.

Escure-se-lhe a vista, apaga-se-lhe a razão: já se não move a fugir, mas a morrer.

Abre mole, languidamente os braços, afrouxam-se-lhe as pernas, impa-se-lhe o ventre, foge-lhe a alma em pérolas do peito, borbulham e, a flux, dissolvem-se no ar... E a torpe vasa a enchê-lo, fazendo-o baixar, pesado e tímido, até que o poussa no lameiro, onde o sepulta.

E lá fica o curioso da beleza, nas raízes das flores maravilhosas, que continuam, impassíveis, a atrair incautos, mais coradas ao sol. mais cheirosas ao luar.

Pérfidas flores d'água, se todos os que as avistam fossem como o pescador das ilhas, que lhe conhece a origem insidiosa, não haveria poetas, porque a mentira das lágrimas infundas não prevaleceria e o coração passaria por elas com a mesma indiferença com que o pescador leva a piroga por entre os camalotes que assoalham de verde as águas traiçoeiras.

O CIÚME

Naquela manhã, sobre todas radiosa, em que o sol, que era brando, pela primeira vez ardeu, e as águas que era tranqüilas, arrufaram-se espumantes, Adão, que se deitara em macia alfombra, com a cabeça em uma pedra forrada de musgo, adormeceu serenamente, ouvindo cantar os pássaros.

Então, Deus, estendendo, desde o céu, a sua mão direita, insinuou-a sob o corpo do adormecido, solevando-o de leve e, na forma que dele ficou no leito fofo e balsâmico de alfazema e violetas, espalhou terra amassada com água do mar volúvel e pétalas de flores plasmando um novo ser.

Saindo, porém, a figura mui semelhante a Adão, pelo molde em que fora afeiçoada, quis o Senhor distingui-la, melhorando-a, e arredondou-lhe graciosamente as formas, alongou-lhe os cabelos e, para assinalar que aquele fora o segundo ser humano que lhe saíra das mãos, apôs-lhe ao peito duas conchas do mar.

As pétalas de flores logo sobressaíram: as das rosas, nas faces; nos olhos, as das clematites; as das papoulas, nos lábios, e as dos jasmims deram-lhe alvura à pele. Isto feito inspirou-lhe Deus a alma.

Quando Adão despertou com o ciciar das cigarras, achando à sua ilharga aquela criatura nova, que sorria, tomou-a por um anjo, vendo, porém, em vez de asas, os cabelos que a iluminavam, teve-a por uma projeção do sol, em contraste com as sombras que saíam de todos os relevos.

Tocou de leve, a medo, o corpo feminino, e, logo, instantaneamente, todo o sangue lhe ferveu nas veias.

Que imagem seria aquela?

Os animais farejavam o ar que lhes passava pelo corpo como para aspirar-lhe o aroma; as ervas arrepiavam-se sob seus leves e pequeninos passos e, para conservarem a carícia, retraíam-se (e, desde então ficou na sensitiva a suscetibilidade que a faz cerrar-se mal a tocam); as águas murmuravam mais meigas se a sentiam perto, toda a natureza vibrava com o prestígio da sua presença.

E Adão, pasmado, fitou o olhar interrogativo no céu onde desaparecem entre nuvens, a mão direita de Deus.

Eva baixara o olhar à terra, encantada com a delicadeza dos fetos rendilhados, com o variegado matiz da plumagem das aves que o cercavam, uma em vôo, outras pousadas, seguindo-lhe as pegadas, como atraídas, até que chegou a um límpido remanso, vendo-se nela refletida.

Outra!

E voltou-se, d'ímpeto, para Adão, que a contemplava a distância. Todo o seu alvo corpo crispou-se em arrepio, de púrpura tingiram-se-lhe as rosas das faces, reluziram-lhe, chispando áscuas, as clematites dos olhos e, com o assomo que lhe encheu o peito, rebentaram-lhe em sangue as duas conchas do mar. Voltou-se, então, para o homem e acenou-lhe, chamando-o.

Adão, senhor soberano da Vida, a quem obedeciam todos os animais da terra e os que andam nas águas e os que voam no ar, dirigiu-se, humilde, para a que o chamava e, caminhando, sentia repercutir, dentro de si, o rumor dos seus passos.

Deteve-se à escuta, atento às pancadas crebras que não eram eco, mas sons próprios vibrando-lhe no peito. Olhando, então, airadamente em volta, à procura de Deus, que sempre lhe aparecia nas suas ansiedades, viu a mulher de pé, envolta nos cabelos louros, que, ora o olhava a fito, ora baixava o olhar a água lisa, onde a sua imagem se reproduzia.

Chegou-se timidamente a Eva, cingiu-a pela cinta e os longos cabelos de ouro cobriram-nos a ambos.

Ardendo, porém, em sede, inclinou-se Adão à beira do remanso, unindo as mãos em concha para dessedentar-se. Mas a mulher opôs-se-lhe vivamente ao gesto, não consentido que ele bebesse daquela água, que era da outra, que lá estava no fundo. E foi assim que, da primeira ilusão, nasceu o ciúme, reflexo do próprio amor.

REDENÇÃO DO FOGO

Sentado no pino do alcantil mais alto, olhando merencoriamente o baratro em que se encapelavam enormes labaredas, Satã meditava. As legiões dos querubins, que o haviam acompanhado na rebeldia infanda, eram tão numerosas que, com as asas largamente abertas, formavam abobadas acima do imenso mar de fogo.

O rumor do flamejo ressoava soturno e, a espaços, em algum dos negros penedos, que avultavam borrifados de faíscas, coruscando em laivos de torrentes, um dos querubins baixava colhendo as asas e, acenando com o punho irado para a Altura, injuriava tonitruosamente o Todo-Poderoso.

Satã não tirava os olhos do lumaréu que lhe espadanava aos pés. O coração raivava-lhe no peito, mais incêndio em ódio do que em chamas ardia aquele ergástulo da eternidade.

Como lutar com a Força que se impusera invencível? Toda a Vida ficara sob a dependência do Altíssimo. Que lhe restava, a ele, que fora no céu o maior dos espíritos, o condutor da milícia augusta? aquele degredo lúgubre. D'ali havia de tirar meios de dar batalha a Deus, de vingar-se da afronta que o humilhara aos olhos dos anjos inferiores que se retraíam só com o estridor do seu vôo ali-possante.

E cogitava taciturno, indiferente aos anjos que esvoaçavam atônitos, batendo, d'estrondo, as asas desmesuradas.

Súbito, alumiando-se-lhe o espírito, o réprobo sorriu estranhamente e, levantando-se altivo, encarou a Altura com atrevido olhar de desafio.

Desceu a escarpa adusta atolando os pés em lava férvida e, inclinando-se sobre o abismo, tomou nas mãos o fogo que rebramia, apolegando-o, soprando-o para infundir-lhe maldade e foi assim, pouco a pouco, obtendo uma massa compacta que endurecia e brilhava em brasa.

Então, dirigindo-se aos querubins, que o contemplavam atentos, mostrou-lhes o que obtivera, e disse:

— Aqui tendes o fogo consolidado. Devolvamo-lo a quem no-lo deu como tormento. Apedrejemos o céu com a sua própria vingança. E os querubins, baixando em enxames sobre o fogo, como corvos famintos em carniça, puseram-se a trabalhar aforçuradamente na grande obra da revindita e, ajuntando os blocos, começaram a apedrejar os céus com eles.

Deus, porém, serenamente os recebia nas mãos e, uma a um, assim como lhes chagavam, prendia-os na abóbada, abençoando-os, e logo irradiavam em astros iluminando a noite.

Vendo-se, ainda uma vez, vencido Satã rugiu, rangendo os dentes, logo, porém, acalmando-se, disse aos querubins revéis:

— Deixemos o céu. A obra maior de Deus, aquela que Ele mais estima, é o Homem.

Conspurquemo-lo. Subi onde ele se vive em serenidade levando convosco o fogo sólido, embuti-o nas entranhas da terra, encravai-o no coração das penhas, esfarelai-o nos rios e dominaremos o mundo paradisíaco.

Assim fizeram os querubins e o fogo petrificado espalhou-se em blocos e em folhetas, em piscas e em áreas de ouro e logo inflamou-se a cobiça no coração do Homem e acendeu-se a vaidade na alma da Mulher. E nasceu a cizânia, cuja flor é o ódio, e geraram-se os dissídios entre irmãos; povos armaram-se degladiando-se, envileceram-se as consciências, depravou-se a virtude e não houve poder no mundo que contrastasse com o do fogo satânico, que tudo vencía e dominava.

Orgulhoso da sua astuciosa vitória, Satã sorria pensando na cólera do Altíssimo ao ver a destruição que fazia entre os homens o fogo do abismo. Mas o Senhor, que não se descuida da Vida e tudo vê e a tudo atende com solicitude magnânima e ordem absoluta, regulando o lentejo de uma gota d'água como governa a nuvem e o raio nas tempestades, descobrindo a traição do adversário, que tornara contra a sua misericórdia o elemento lustral, chamou a mais meiga das três virtudes elíseas, e beijando-a na frente, disse-lhe:

— Vai à terra onde os homens guerreiam-se e degradando-se disputando a ferro e a infâmias o fogo infernal, toma uma centelha ou lasca e aplica-a como te ordenar o amor, e não só corrigirás o mal que alastra como ainda remitirás o fogo de tudo quanto de funesto e cruel tem feito por influência do Espírito rebelde.

Despediu-se a Virtude das suas irmãs descendo ao mundo tumultuário.

Logo que pousou na terra fria — porque era inverno e nevava — ouviu o lamento de um pobrezinho que, encolhido em palhas úmidas, tiritava transido e com fome.

Foi-se a virtude a uma rocha e, extraindo-lhe do coração uma pepita de ouro, deu-a ao pobrezinho.

O mísero sorriu beijando a dádiva e, com esse beijo molhado em lágrimas, purificou-se o que Satã criara para macular o mundo e foi assim que, com uma parcela mínima da imensa perversidade, a emissária de Deus inutilizou a obra nefanda do Mau Anjo, redimindo o fogo-áureo de todos os males que provocara com a suave misericórdia da primeira esmola.

FIDELIDADE

Enquanto o velho mordomo ia repondo no cofre de ébano, de onde as retirara para mostrá-las às damas, as jóias da princesa finada, o príncipe não fez o gesto mais leve, não disse palavra, imóvel e taciturno.

Quando, porém, o ancião tomou pelo punho de ouro, recamado de gemas, o espelho da morta, aceso em cólera súbita, o príncipe arrebatou-lh'o da mão e, duma das janelas, lançou-o, de toda a altura do castelo, às profundezas do abismo.

A velhice do mordomo não lhe permitiu acudir tão ágil que lograsse salvar da inesperada cólera o mais belo e precioso objeto e o mais amado de todos quanto haviam acompanhado a vida breve, graciosa e pura da princesa.

— Senhor, que fizestes!? Exclamou encarado no amo, cujo olhar desvairado fuzilava ira. O que lançaste no penedio era o companheiro da senhora, que a toda parte a seguia, como um medalhão da sua imagem. Carbúnculos e pérolas, safiras e esmeraldas, prásios e ametistas, todas as pedrarias e o ouro que as engastava não se sentiam dela; o espelho, esse tomava-a toda em si como a memória guarda as impressões. Por que tanto desamor com ele? Ingrato sois!

Com tais palavras mais enfureceu-se o príncipe e, investindo ao velho, silvou-lhe em rosto:

— É a mim que acusas de ingratidão? É a mim que recriminas, mestre de camarilha, versado astutamente na mentira, perito na arte de dissimular?

Defendendo o espelho, defendes-te a ti mesmo, velha raposa hipócrita e, se, de outro modo, te pronunciasses condenaria a tua própria alma, que se rebuça no manto da lisonja, todo ele em folhos de versatilidade. Fazes bem, velho cadimo! É a mim que acusas! A mim que castiguei a perfídia.

Esse, tu o disseste, era o seu objeto preferido. nele revia-se contente e confiante, trazia-o sempre consigo para fazer-se bela. Era ele o portador da sua sombra viva. o quadro da sua beleza, o oratório da sua efigie, o cofre de seus encantos. Só a ele, entendes tu? Eu consentia que ela sorrisse e falasse em confiança; Era o rival dos meus olhos. E que fez? Tanto que a perdeu de vista a esqueceu para sempre.

Todas estas damas, que por aqui passaram, quiseram vê-lo e ele a todas recebeu amável, refletindo-as, portando-se com elas como se portava, outrora, com a que se foi. E achas que eu devia conservar entre as jóias fiéis essa volubilidade?

Todas as pedras ficaram com as suas cores próprias, as mesmas que tinham dantes; ele, não: logo enfeitou-se com as vivas cores dos olhos que o fitaram. E a essa inconstância louvas? Parecer de cortesia...

— Senhor, contraveio o mordomo, se não desvairais, sois cego. A vida não para, não pode parar, e o espelho é a sua imagem. Se nos prendêssemos à morte, aí! De nós... Valeríamos tanto como sepulcros.

Vede o rio que corre: vai retratando nas suas águas o que lhe fica à margem. Vede a árvore: reluz viçosa e dourada no estio, amarelece e murcha no outono, mirra excídua no inverno, reverdece e enflora-se na primavera. São as estações que passam por ela como as imagens nos espelhos. A criança e o velho são reflexos do tempo na vida, e a vida é imutável, impassível como o espelho.

Que havia de fazer a placa polida se não reproduzir fielmente o que se lhe antepunha? Se tal não o fizesse então não seria o que é.

Quereis que a terra escureça quando o sol brilha e que refulja em claridade de ouro quando anoitece?

Ponde uma suspeita ou uma saudade na alma mais límpida e feliz e vê-la-eis nublar-se instantaneamente. Favorecei o mais desgraçado dos homens com um instante de ventura e logo sorrirá como o paul rebrilha se lhe dá em cheio o sol.

Só há um meio de manter o espelho fiel à sua primeira dona — é encerrá-lo num cofre lançando-lhe a chave ao mar.

Cuidado senhor, não vos chegue o dia em que, por fidelidade, se a quiserdes guardar à morta, tenhais de atirar do alto da tome ao fundo do abismo o vosso coração...

SOL

Andando em visita ao eremitério achou-se o velho abade diante de uma escavação, como fojo armado à fera, a dois passos da choça humilde de um dos mais virtuosos monges e, como o chamasse repetidas vezes respondeu-lhe da cova uma voz fatigada.

— Sois vós, irmão?

— Eu mesmo, meu padre.

— Como assim, de tão longe, me reconheceis?

— Pela irradiação que vos circunda a fronte, que é o esplendor do vosso espírito beato.

— Louvado seja o Senhor que me assinalou com a sua Bondade para que percebêsseis a minha voz e viésseis a mim. Que fazeis aí incluso? Como quereis viver onde a própria luz se extingue e a alma não desce? Tornai para o vosso ambiente, que não é de vivos ficar onde jazem os mortos.

Obedecendo ao abade surgiu da cova o monge esquelético, prostrando-se humildemente, de bruços, com a face de roxo.

— Por que assim desceis quando deveis subir? Em vez de fazerdes cova, que é meter-vos pela terra dentro, exercitai-vos em obras espirituais que abrirei entrada fácil no céu.

Então, d'olhos baixo, o monge falou com simplicidade:

— O que aqui faço, meu santo, não é trabalho para a morte, senão para a vida e para o bem. Ando, há tempos, querendo plantar um raio de sol; um raio de sol que abotoe em madrugadas, madrugadas, como as do céu, que desabrochem em dias. Um raio de sol que se desenvolva e cresça como as plantas, frondeje em tramas de luz sob as quais venham sentar-se os monges e os pobrezinhos no mais rijo do inverno, que aqui é sempre áspero e demorado.

Sorriu o abade e, fazendo erguer-se o monge envergonhado, disse-lhe com benignidade:

— Tanto vale cuidar, como os de Babel, em construir uma torre para escalar o céu como em plantar um raio de sol para produzir claridade. Arrogância é essa que só vos podia ser sugerida pelo Maligno. A luz e ao ar, meu irmão, são emanações divinas, soterrá-las ou afogá-las é tão impossível como conter o pensamento, talhar

a luz a golpes ou por limites à esperança. Quanto mais terra lançardes sobre o raio de sol, mais ele se levantará no próprio sumidouro, assim como na maior desventura cresce a maior esperança.

O ar, o pouco que baste à respiração de uma formiguinha, se o afundardes no abismo, logo afluirá à tona, vencendo em bolha a densidade do oceano.

Quereis plantar o sol? Tirai-o de vós, que o tendes em espírito, como o possui em gérmen a semente. Todos nós plantamos sol, cada qual onde lavra: este, no espaço: aquele, no tempo. Todos nós plantamos sol, não em covas de terra, mas nos corações e nas almas e é com esse sol, que plantamos, que a Humanidade se alumia e aquece.

Tudo é sol: o puro e o impuro, o bem e o mal — luz e calor aqui, incêndio além. Em certos livros há tanta claridade como nos dias mais luminosos de verão; em outros tudo é chama e lava. Assim como respiramos, resfolegando e devolvendo o ar, assim recebemos e despedimos sol. Não sentimos o ar que nos penetra, como não percebemos a luz que em nós se infunde.

O que fazeis na terra com tão árduo trabalho faríeis suavemente, e com utilidade para a vida, colhendo no coração o que tendes em bondade e cultivando no silêncio, que é onde se acende o sol, as forças vivas do vosso espírito.

Se quereis plantar a luz, raios de sol, vinde comigo aos pobrezinhos que me esperam, grandes e pequeninos. Para os grandes levo a palavra dos Evangelhos; para os pequeninos levo a luz em centelhas, num livro: são letras, poucas, quantas bastem para que eles se conduzam na vida e delas tirem luz que os guie, mostrando-lhes todos os caminhos da terra e do céu, do passado, do presente e a floresta negra do futuro, ainda virgem no Tempo.

Aqui vou eu carregado de sol. Ajudai-me a levá-lo, e, enquanto, na prédica, eu alumiar e aquecer os corações dos velhos, vós ireis alumiano, com as letras, as almas das crianças e assim plantaremos raios de sol na terra, que terra é o homem, e terra do Paraíso. Ora vamos à lavoura luminosa, disse.

E, tomando o monge pelo braço, caridosamente e sorrindo da sua simplicidade, lá o foi levando a caminho da ermida.

O RESTAURADOR DE SÍMBOLOS

Fosse qual fosse o ídolo ou talismã: abadir ou acinase, imagem caprichosa ou monstro, pedra lunar ou tronco bruto, ele tomava-o, recompunha-o ou reparava-o refazendo-lhe a forma, reavivando as cores, recenando-lhe os dourados, remontando-lhe as pedrarias e restituía-o como novo, ao culto para que, por sua vez, revivesse a Fé nos corações.

Que lhe importava fosse um símbolo disforme, se os crentes lhe atribuíam onipotência e dele tiravam o alento da esperança?

Chamaram-no, certa vez, para restaurar um touro de bronze, em cujo ventre, que era uma fornalha, os sacerdotes sacrificadores encerravam vítimas humanas.

Em dias realizou a obra, dando-a com o mesmo aspecto truculento de outrora, mais horrível, talvez. Bandos de serviçais atearam o fogaréu.

Crianças foram lançadas ao holocausto e, quando ele deixou o templo em festa, a imensa abóbada atroava lúgubres mugidos, que eram os gritos das pequeninas vítimas passando uníssonas pelas faces do monstro.

Mas todo o país rejubilava com a esperança de que tamanho sacrifício seria propiciamente compensado com anos doces de paz, abundância de pão e outras mercês divinas que a todos alcançariam.

Que importava, pois, o gemido de cem mães, se milhares de outras viveriam felizes nos seus lares?

E, deixando o sacrifício, foi-se contente com o que fizera e logo um lhe pediu o concerto de uma deusa; outro que lhe acendesse a carbúnculo os olhos de um trasgo; um bárbaro exortou-o a afiar a espada que adorava. E a todos, indistintamente, o peregrino atendia.

Passando, uma tarde, diante da cabana de um eremita, viu a cruz tombada e já se dispunha a levantá-la e corrigi-la, quando o solitário investiu com ele, enfurecido:

— Detém-te, ímpio! Não ponhas mãos profanas no símbolo sagrado, tu que sustentas todas as superstições e lhes refazes os ídolos com teus pincéis e buris, para que contrastem com a cruz.

Mas o peregrino, erguendo-se do trabalho, falou, de ânimo sereno, ao penitente:

— Por que me repeles de ti? Eu, o que fiz ao tosco manipanso do negro, fiz à Vênus helênica, formosa entre as formosas; fiz à espada do cita, ao touro cartaginês; à Isis egípcia, a serpente e dragões, árvores e flores, a todos os símbolos, não pelo que são, mas pelo prestígio que exercem nas almas com a ilusão que propinam.

Tu, porque te exilas neste deserto, nutrindo-te de ervas amargas e de raízes, entre feras e sevandijas, senão porque imaginas conquistar assim o que te promete a Fé?

Escolheste uma estrada áspera de espinhos; outros vão por alfombras, outros por areais candentes, outros por entre lírios e rosas e todos esses caminhos guiam ao mesmo rumo a que conduz a tua Via-Sacra.

O lume é um, a lenha pode ser qualquer.

Tanto calor e brilho dá o tronco do cedro como o do pinheiro, do álamo, do carvalho ou da cerejeira e até com um pouco de folhas secas pode o homem alumiar-se e aquecer-se. O necessário é ter lume.

Deus é um só em vários símbolos e altares.

Eu não faço mais do que perpetuar a Fé, como a vestal conserva vigilantemente o fogo sagrado.

Chamo-me o “Restaurador de símbolos”. Sou o Poeta, conservador da Ilusão e, assim como levanto a cruz no teu eremitério e vou encher a tua bilha à fonte próxima, ajudo o escultor a talhar a pedra que há de ser Júpiter, canto no coro dos druidas quando, com a foice de ouro, eles percorrem os bosques colhendo o verde agárico.

Sou o mantenedor do Sonho e a minha religião, como sol, é o núcleo de onde partem todos os raios da Fé, e chama-se — Poesia.

É necessário dar calor ao corações, para que amem e creiam. Que faço eu? Onde encontro a brasa vasquejando assopro-a para que a chama reviva.

Que importa a lenha? o lume é um só.

E, deixando a cruz de pé, foi-se pelo deserto, caminho das cidades, restaurar ídolos e monstros para eternizar a Fé.

OS MOLEIROS

A Alberto Moreira

Avistavam-no de longe, assomado na colina, e as sombras das suas grandes asas, padejando, dançavam na terra, ao sol, endemoninhada farandula e ainda pela noite dentro, a citola taramelava, porque tanto era o trigo acumulado nas tulhas, e sempre a chegarem cargueiros, que o moinho girava sem descontinuar e os depósitos, em vez de diminuírem, cresciam como por milagre.

Récovas cruzavam-se no caminho baixo e acima, com alegre tinir de chocalhos e vozear dos almocreves.

E o moleiro, no limiar do moinho, presidia orgulhosamente à descarga das alimárias, fiscalizando a contagem dos ceirões e emprazando, com delonga, a entrega da farinha.

Rico era ele! Oh! Se era!... Vê-lo nas feiras era como ver um príncipe, com o seu casacão de alamares, o largo chapéu de plumas, cinta de seda e botas de couro fino, fazendo arrifar a égua, que reluzia sob jaezes de prata.

Nos alpendres das estalagens falava-se do seu moinho como das torres encantadas das histórias, nas quais havia tesouros guardados por dragões.

Tal homem, entretanto, amargurava desgostos, passando noites em claro, a caminhar pela eira, entre dois alões, com os quais, às vezes, descia por veredas reversa da mata. Seriam amores? Não eram.

Dizia-se, à boca pequena, que ele tinha encontros com o diabo em certo carcavão do bosque, onde golfava, como nascida do inferno, uma água enxofrada e fervente.

Mas a verdade era outra. O moleiro mordía-se de inveja de um vizinho, pobre homem, dono de uma tira de terra que não dava mais de dois carros de trigo e de uma azenha à beira do córrego.

Ele sozinho lavrava o seu alfobre, cantando; ceifava, recolhia as gavelas, debulhava as espigas, e, depois de muito escardear, levava o grão a moer. E a farinha que saía era branca como o luar e cheirava a flor.

Mal começava a moagem logo diziam na aldeia:

— Aroma de trigo novo... É da azenha. Não tarda aí o fâmulos do bispo a buscar farinha para as hóstias.

E o moleiro da colina, quando tal ouvia, arrepelava furiosamente as barbas.

“Pois então ele, moleiro rico, só havia de trabalhar para vilões e o outro, um quase mendigo, teria a glória de fornecer ao altar?”

Uma noite, raivando, desceu com os alões à margem do córrego, e, vendo luz na azenha, bateu; abriu-se logo o postigo e, com uma lanterna levantada à altura dos olhos, o moleiro apareceu, perguntando:

— Quem está?

— Eu vizinho. Vi luz na azenha e, receoso de que vos houvesse acontecido alguma coisa, bati.

— Não, vizinho. Graças a Deus, para quem trabalho, nada me aconteceu. Aqui estou em serão com as águas porque tenho de dar trigo para as hóstias. Há três dias que não faço outra coisa senão sessar a farinha.

— Três dias!

— E pouco é o tempo, que eu, se pudesse, ainda o dilatava para que o meu trigo, que é todo candil, saísse tão limpo que nele se não achassem vestígios de cizânia. Mas é tão difícil apurar que, por mais que se escoime, sempre nos escapam milhares de joio.

— E quantos sacos moeis?

— Cinco, no máximo, e quando a safra é abundante.

— Pois eu, num dia, empilho cem, disse, orgulhosamente, o moleiro da colina.

— Acredito, vizinho. porque a vossa farinha em toda a parte aparece. Mas o pão que, com ela, fazem, dizem-no todos, logo depois de cozido azeda e torna-se tão duro que o mendrugo que deles dão aos pobres fica nas cercas e nem os cães o querem.

Para que dê boa farinha não só pede o trigo terra propícia, sol e rega, orvalho e chuva, amanho e limpa, meda em seco, como escolha cuidadosa, canoura asseada, mó de pesa, joeira e tamis e ainda assim não sairá de todo estreme. O vosso trigo, tal como o recebeis, assim o lançais na tremonha. O resultado é sempre sair a farinha palhiça e com eiva que a torna escura e amarga.

— Tendes razão, vizinho, tornou o ricaço com ironia: A vossa farinha é excelente e a minha só se aproveita em broas. Mas porque será que o meu pão enriquece e o vosso, tão puro, não dá sequer para a vossa fome?

— Dá para mais, vizinho, para muito mais, porque contenta-me o coração. Para a minha felicidade e glória basta-me o candil que tiro fino, cheiroso e alvo e dou-me por bem pago dos trabalhos e venturoso da maior fortuna quando, aos domingos, entro na igreja e vejo o sacerdote levantar a hóstia e toda a gente prostrar-se diante dela, hóstia do meu trigo, trigo do meu campo, semeado, ceifado e, moído por mim.

TAPERAS

A notícia do descoberto alvoroçou os moradores da redondeza e, levada por tropeiros de povoado a povoado, de vila em vila, até a cidade pôs em levante de avidez a toda a gente rica e pobre, válida e decrépita. E começou, desde logo, a entrada sertanista.

Era de tudo pelos caminhos e veredas, dia e noite, em correição de formigas: carros de bois rangendo, liteiras, récovas e cavalgadas; e pedestres calcurriando: uns ligeiros, cantando; outros cabisbaixos, melancólicos como arrependidos da aventura.

E havia os que seguiam lentos, arrimados a bordões; e até enfermos, passo a passo, arquejando como se fossem a santuário cumprir promessa.

À falta de ranchos acampavam ao tempo, acendendo fogueiras. Os mais felizes armavam redes nas árvores ou, estendendo os pelegos, dormiam sobre os aperos, tiritando à orvalhada das manhãs friíssimas.

O sítio do veeiro novo era áspera garganta estrangulada entre penhas, com um córrego em serpeio límpido.

Mal chegados, antes de firmarem pouso, iam-se pelos alcantis, feriam-no a golpes de almocafre, reviravam a pá o saibro do chão, bateavam as areias do córrego.

O primeiro que descobriu uma pisca anunciou-a bradando e foi logo um tumulto em volta dos faiscador afortunado.

Em meses o recôncavo de rochedos, dantes covanca de onças e couto de foragidos, tornou-se como uma cidade.

Afluíram mercadores, bufarinheiros e saltimbancos. Foram-se os palhiços a pouco e pouco substituídos por moradias de sobrado, com jardins e pomares; abriram-se lojas e oficinas; e um padre, que aparecera, obteve meios de erguer uma capela.

E as tropas, que desciam carregadas de ouro, cruzavam-se com vindiços e, todos os dias, eram gentes novas.

Uma noite salteadores romperam de improviso. Houve combate e mortes e logo se resolveu organizar a defesa do arraial, guardando-o a mão armada.

E o trabalho ambicioso prosseguia com estrondo: voavam em estilhas os penhascos, abriam-se as rochas em cavernas, tudo era brocado, escalavrado, moído.

Por uma pepita de ouro esbarrondava-se uma colina, uma palheta entrevista num lessim de rocha era-lhe sentença de destruição.

O córrego, tomado em quelhas, perdeu o encanto, esparzindo em regos, cada qual a um rumo, para servir a este ou aquele. E tudo desmantelou-se como se um cataclismo houvesse por ali passado, até que desapareceu o filão e só restaram destroços: pedregulho e cascalho, areia seca e água pútrida, cavados e lamarões. Então o primeiro resolveu abandonar o sítio, dizendo-o inóspito, tristonho e doentio, outro logo o seguiu, saudoso da cidade.

Levantaram-se bandos e todo o povaréu abalou maldizendo o pragal, e casa de moradia, lojas, oficinas e até a capela ficaram vazias, abertas ao tempo. E o sítio recaiu no primitivo silêncio.

O mato encobriu os caminhos, as árvores cresceram restaurando a floresta e tornaram-se como moradoras das casas, os animais regressaram do exílio e hoje, quem até ali se afoita, pasma do que vê — os rochedos esboroados, abertos em algares, fendidos de meio a meio, montes de pedrouços, dunas estrepadas de cardos, pantanais coalhados de ervas, ruínas de casario em mato. É o que resta do fastígio, a competição aforçurada das festas, da alegria de outrora.

Terra esgotada! Pobre de ti! Ainda assim és mais feliz do que o homem que se deixa explorar.

A ti, no abandono, voltam as árvores, e, com elas, os passarinhos; ao mísero, que deu tudo que tinha na alma, nem as ilusões consoladoras tornam e na miséria em que fica, além da indiferença do mundo, ainda o afronta o desprezo dos que lhe aproveitaram o gênio.

O FAROL

Hirto, espigado na crista do promontório, entre esboroadas rochas, negras, como e ferro, e seixos a granel erige-se o farol, a prumo sobre o oceano, solitário na agrura do sítio taciturno. Vagalhões rebentam estrondosamente embaixo esfrolando-se em espumarada férvida e a grita ríspida das gaivotas, voejando assanhadas acima do marouço, torna medonha a tristeza do degredo lúgubre, entre o negror das pedras, o azul metálico de céu e o verde lúrido do mar.

Ao sol, a torre dorme silenciosa e branca e, subindo e dentre os penhascos, parece um dedo imenso apontando o céu à terra.

À noite, porém, acende-se à maneira de um círio e o seu clarão irradia ao longe, esteirando longamente as águas arquejantes. Tanto, porém, como se lhe ilumina o viso esconde-se-lhe o corpo sumido na treva sem que, de toda a claridade, que generosamente espalha, lhe aproveite a mínima centelha. O seu brilho, piscando a cores, atravessa a caligem tremeluzindo, em via-láctea nas vagas.

E, por ele, através do negrume, guiam-se os marítimos transitando sem risco e, assim, passa dentro da noite tenebrosa a vida com tudo que é nela espírito, beleza, alegria, fortuna, glória e força.

E a torre não aparece: dela apenas se vê, longínqua, a luz propícia assinalando a costa e alumando o mar.

Que importa aos navegantes saberem quem é o manobreiro do lume, a mão destra que brande, pervigília, infatigavelmente, no mistério da escuridão, aquela espada flamejante que afugenta as pérfidas sereias? O clarão está lá, perene. Que mais?

Seja a noite límpida, de luar, ou tormentosa, de trovões e raios, de brisa mansa e tépida ou de rugidoras ventanias gélidas, estiva ou de borrasqueiro, o farol está lá sempre aceso, sempre atento, norteando as singraduras, cercado de aves que, em alvoroçado bando, batendo furiosamente as asas rijas, arremetem ao lanternim atitando de raiva.

Que importa a torre? Quem a vê? Justamente quando mais sua luz alumbrava mais se oculta, como se toda se concentre no esplendor que irradia.

Ela é o clarão que brilha e salva, é o rumo, a segurança, a vida — tudo para os que passam, nada para si mesma. Conhecem-na os pilotos que por ela roteiam, os mais vêem-lhe apenas a refulgência iterativa dentro da noite. Dealba; abre-se o céu em cores de ouro e pérola e logo se extingue a luz no lanternim.

Então, ao vivido sol, aparece hirta, espigada na crista do promontório, a torre branca. À noite, quando reverbera, ninguém a vê.

Rompe a manhã e a torre, então apagada, desvenda-se em toda a grandeza, alva como de mármore, a pino sobre o negror dos penhascos. As vagas, que a cuspihavam, marulham-lhe aos pés, submissas; as aves, que lhe eram hostis, revoam-lhe em volta em auréola, e, em vez dos raios fulminantes, douram-nas os raios do sol. E o dia exalta-a.

Assim o farol só aparece triunfante quando no viso se lhe extingue a luz.

Tal é o gênio.

Enquanto vivo ninguém o vê. Só a sua luz refulge e toda para os que passam. Ninguém dá por ele no degredo em que jaz.

Vai-se-lhe, porém, a vida, e com ela, o destino ingrato. Raia o dia eterno e, assim como a torre, ao sol, impõe-se à vista no promontório áspero, assim dos tormentos, das injúrias e da indiferença tenebrosa levanta-se, destacando-se em esplendor triunfal, a figura do iluminador como o farol que só é visto quando, apagado, avulta ao sol, como torre de luz.

FIM